

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE DA FAMÍLIA**

**AÇÕES QUE PODEM SER DESENVOLVIDAS POR EQUIPES DE SAÚDE DA
FAMÍLIA VISANDO REDUZIR O ÍNDICE DE GRAVIDEZ NÃO PLANEJADA**

ELAINE MARIA FELIX DA SILVA

UBERABA/MINAS GERAIS
2012

ELAINE MARIA FELIX DA SILVA

**AÇÕES QUE PODEM SER DESENVOLVIDAS POR EQUIPES DE SAÚDE DA
FAMÍLIA VISANDO REDUZIR O ÍNDICE DE GRAVIDEZ NÃO PLANEJADA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Especialização em Saúde da Família, Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do Certificado de Especialista.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Clarice Marcolino

ELAINE MARIA FELIX DA SILVA

AÇÕES QUE PODEM SER DESENVOLVIDAS POR EQUIPES DE SAÚDE DA FAMÍLIA VISANDO REDUZIR O ÍNDICE DE GRAVIDEZ NÃO PLANEJADA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Especialização em Saúde da Família, Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do Certificado de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Clarice Marcolino

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Clarice Marcolino

Profa. Dra. Geralda Fortina dos Santos

Aprovado em Belo Horizonte em ____/____/2012

RESUMO

A gravidez não planejada é um problema prioritário devido à alta ocorrência na nossa área de abrangência e por constituir um possível elemento desestruturador da vida familiar. O objetivo deste estudo foi fazer uma revisão da literatura para identificar ações que podem ser desenvolvidas por Equipes de Saúde da Família, visando reduzir o índice de gravidez não planejada, principalmente de adolescentes na zona rural, área de abrangência do PSF Ponte Alta/ Peirópolis do município de Uberaba. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com busca na Biblioteca Virtual em saúde e no *google* acadêmico. Foram identificadas 355 citações na pesquisa às bases de dados, das quais 24 foram consideradas apropriadas e utilizadas para a elaboração deste estudo. Após a análise dos estudos foram elaboradas as seguintes categorias: .1. Estudos com desfecho sobre sexualidade, conhecimentos e usos dos métodos contraceptivos entre adolescentes.2. Artigos com desfecho sobre gravidez não planejada.3 Artigos com desfecho sobre ações educativas de promoção e prevenção de gravidez na adolescência.4. Artigos com desfecho sobre gravidez na adolescência.5 artigos com desfecho sobre assistência á saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes.6 Artigos com desfecho sobre contracepção de emergência.7 Artigos com desfecho sobre contracepção e aborto. A assistência à saúde sexual e reprodutiva está muito aquém do necessário exigindo urgência na execução de programas contínuos de planejamento sexual e reprodutivo voltados para adolescentes e jovens, implementados por serviços de saúde, escolas, igrejas, comunidade e outros, possibilitando a eles escolhas conscientes relativas à atividade sexual e prevenção da gravidez na adolescência.

Palavras-chave: Anticoncepção. Gravidez não planejada. Gravidez na adolescência.

ABSTRACT

Unplanned pregnancy is a priority problem due to the high occurrence in our service area and constitute a possible desestruturador element of family life. The objective of this study was to do a literature review to identify actions that can be developed by family health Teams, aiming to reduce the rate of unplanned pregnancies, mainly of teenagers in rural area, spanning PSF Ponte Alta/Peirópolis municipality of Uberaba. It is an integrative review of literature, with Virtual Health Library search and google scholar. 355 research citations have been identified to databases, of which 24 were considered appropriate and used for the preparation of this study. After the analysis of studies were prepared on the following categories: 1. Outcome studies on sexuality, knowledge and uses of contraception among teenagers. 2. With articles about unplanned pregnancy outcome³. Articles with outcome about educational actions of promotion and prevention of teen pregnancy. 4. With articles on teenage pregnancy outcome. 5. Articles with outcome on assistance to adolescent sexual and reproductive health with Articles about outcome 6 Emergency contraception. 7 articles with outcome on contraception and abortion. The sexual and reproductive health care is far short of the necessary requiring urgency in executing ongoing programmers of sexual and reproductive planning geared toward teenagers and young people, implemented by health services, schools, churches, community and others, making them conscious choices regarding sexual activity and prevention of teenage pregnancy.

Keywords: unplanned pregnancy. Teenage pregnancy. Contraception.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. JUSTIFICATIVA	8
3. OBJETIVO	9
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	10
4.1 População de dados	111
4.1.1. Critérios de inclusão	111
4.1.2. Critérios de exclusão	11
4.1.3. Coleta de dados.....	11
4.2. Análise de dados	12
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	15
5.1. Estudos com desfecho sobre sexualidade, conhecimentos e usos dos métodos contraceptivos entre adolescentes.....	15
5.2. Estudos com desfecho sobre gravidez não planejada.....	19
5.3 Estudos com desfecho sobre ações educativas de promoção e prevenção de gravidez na adolescência.....	19
5.4. Estudos com desfecho sobre gravidez na adolescência.....	22
5.5 Estudos com desfecho sobre assistência á saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes	23
5.6 Estudoscom desfecho sobre contracepção de emergência.....	24
5.7 Estudo com desfecho sobre contracepção e aborto	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27.
REFERÊNCIAS.....	29
8. ANEXOS.....	33
8.1 – Apêndice A – instrumento de coleta de dados.....	33
8.2 – Apêndice B - coleta de dados.....	33

1. INTRODUÇÃO

Segundo Gipson, Koenig, Hindin (2008), gravidez não planejada é toda a gestação que não foi programada pelo casal ou, pelo menos, pela mulher. Pode ser indesejada, quando se contrapõe aos desejos e às expectativas do casal, ou inoportuna, quando acontece em um momento considerado desfavorável. A cada ano, pelo menos 80 milhões de mulheres em todo o mundo experimentam a situação de ter uma gravidez não planejada (LANGER 2002).

Bozon (2004) aponta que por volta dos anos 50 do século passado, as mulheres iniciavam suas práticas sexuais aos 21 anos, vinculadas ao casamento. Vinte e cinco anos mais tarde essa iniciação sexual havia se modificado. A moral da reserva, os controles sobre os comportamentos se fundem no medo das consequências do ato sexual, como uma gravidez indesejada. Na modernidade a iniciação sexual acontece no início do relacionamento, firmando um laço de vínculo e de conhecimento do outro e de si e por conta de um novo comportamento sexual.

A principal causa de gravidez indesejada, dentro de uma visão sociocultural é o baixo índice de utilização de métodos contraceptivos, estando associado às dificuldades de acesso a serviços de saúde, à falta de organização destes ou a outros fenômenos sociais (CLELAND, BERNSTEIN, EZEH, FAUNDES, GLAISER, 2006).

De acordo com pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde em 2005 sobre a nova política nacional de direitos sexuais no âmbito nacional e a necessidade de difundir mais informações a respeito desta e dos métodos em si, a pesquisa mostra que há um nível baixo de conhecimento das ações que estão em andamento, pois 70% não sabiam que o governo está ampliando a oferta de métodos, e 42% dizem que o principal problema para evitar filhos é a falta de informação sobre os métodos anticoncepcionais. A outra conclusão importante deste mesmo estudo é a necessidade de ampliação da oferta de métodos na rede pública. Apenas 25% dos entrevistados tiveram acesso a algum método contraceptivo por meio dos postos do SUS ou do Programa Saúde da Família. Só 9% disseram ter utilizado os serviços públicos para esterilização e apenas 2% para receber a pílula do dia seguinte. Do total de entrevistados, 69% disseram ter tido filhos, desses, 36% afirmaram que não planejaram ter filhos; 43% disseram ter planejado todos; e 21% planejaram pelo menos um deles (BRASIL, 2005, citado por SOBRINHO, PANTOJA, AZEVEDO, FUNGHETTO, 2008:54-5).

A gravidez não planejada na adolescência, em particular, é abordada como problema de saúde pública e um empecilho para que a adolescente possa se desenvolver enquanto uma pessoa provida de opções. Muitos estudos comprovam que a gravidez na adolescência se dá pelo motivo da falta de informação contraceptiva e um baixo nível sócio cultural (CAMARANO, 1998).

De acordo com os dados do PSF Ponte Alta / Peirópolis temos um alto índice de gravidez indesejada, 28,6% das gestantes que fazem parte desse grupo são solteiras, tem filhos de outros relacionamentos, vivem uma relação matrimonial conturbada ou nunca quiseram ser mães. O índice de gravidez na adolescência é de 35,3%, sendo que o índice máximo, segundo o IBGE, seria de 21,5%. Nossa ESF está localizada na zona rural onde as condições de vida são mais precárias e o acesso ao serviço de saúde é difícil. As adolescentes dessa área deixam de frequentar a escola para cuidar de seus filhos, não se preparam para o mercado de trabalho e em sua maioria perdem toda perspectiva de futuro.

Diante do exposto, foi estabelecida a questão norteadora: Que ações podem ser desenvolvidas pela equipe do PSF para reduzir o índice de gravidez não planejada?

2. JUSTIFICATIVA

O foco principal é reduzir o índice de gravidez não planejada, principalmente de adolescentes na zona rural, área de abrangência do PSF Ponte Alta/ Peirópolis do município de Uberaba. A atuação do PSF compreende a informação sobre planejamento familiar, oferta de métodos contraceptivos, facilitação do acesso a estes, avaliação da adesão dos métodos e eficácia dos mesmos, dentre outras ações que visem reduzir o índice de gravidez não planejada. Observa-se que, na prática, a equipe utiliza medidas para a prevenção da gravidez não planejada, principalmente palestras em todos os momentos oportunos como nas salas de espera, na escola, nos grupos operativos. A eficácia do procedimento, no entanto não está sendo o esperado, pois continuamos com casos de gravidez indesejada. Assim, esta revisão justifica-se uma vez que poderá subsidiar a construção de plano de intervenção (plano de ação), que nortearão as ações desenvolvidas pela ESF, provendo recomendações baseadas em evidências para a prática clínica.

Esse estudo é importantíssimo para a minha atividade profissional, como membro da equipe ESF, pois me possibilitará aumentar meus conhecimentos acerca do problema e conseqüentemente melhorar minha possibilidade de prestar uma assistência com mais qualidade e embasada em pareceres teóricos, científicos e práticos.

Esse estudo fornecerá á equipe subsídios para orientarmos melhor nossos usuários para o enfrentamento do problema da gravidez não planejada

Acredito que o plano de intervenção que será construído após a realização deste trabalho irá nos ajudar a reduzir o índice de gravidez não planejada em nossa área de abrangência.

3. OBJETIVO

Identificar ações que podem ser desenvolvidas por Equipes de Saúde da Família, visando reduzir o índice de gravidez não planejada.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo optou-se pela revisão integrativa da literatura como base para posterior elaboração do plano de intervenção. As revisões integrativas sintetizam pesquisas relevantes que nos nortearão a tomada de decisão. Neste estudo as pesquisas foram utilizadas para identificar evidências científicas sobre a gravidez não planejada. A revisão integrativa foi desenvolvida em etapas preconizadas por Mendes, Silveira e Galvão (2008), tendo como referência autores estudiosos do método da Revisão Integrativa, como Whitemore (2005), Beyea e Nicoll (1998), Ganong (1987), Cooper (1984). Seguimos as etapas: 1. Identificação do tema e problema de estudo. 2. Estabelecimento de critérios de inclusão dos artigos que fizeram parte da revisão e busca da literatura nas bases de dados BVS que faz a busca simultânea na Lilacs - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, na Scielo - *Scientific Electronic Library Online* e no Medline - Literatura Internacional em Ciências da Saúde; no Google Acadêmico e no site <http://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca>, utilizando-se as palavras-chave gravidez não planejada, gravidez na adolescência, contracepção e a busca com termos cruzados usando operadores booleanos. 3. Definição das informações que serão extraídas dos estudos selecionados/categorização dos estudos. 4. Avaliação dos estudos incluídos na revisão. 5. Interpretação dos resultados e 6. apresentação da revisão.

Após a revisão integrativa do tema gravidez não planejada, será elaborado um plano de intervenção (plano de ação), tendo como subsídio a própria revisão integrativa e a seção 3 do módulo- planejamento e avaliação das ações em saúde. O plano de ação será construído, buscando definir, priorizar, descrever, explicar que ações podem ser desenvolvidas pela equipe ESF para reduzir o índice de gravidez não planejada; selecionar os nós críticos; explanar as operações; identificar os recursos críticos; analisar a viabilidade do plano; elaborar o plano operativo; coordenar e acompanhar a execução das operações. Pretende-se contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população, desenvolvendo ações para reduzir o índice de gravidez não planejada.

4.1 População e amostra de dados

FONTE	ESTRATÉGIA DE BUSCA	ESTUDOS ENCONTRADOS	AMOSTRA UTILIZADA
LLilacs	Gravidez não planejada	35	04
	Gravidez na adolescência	45	06
	Contracepção	26	02
Scielo	Gravidez não planejada	03	01
	Gravidez na adolescência	122	06
	Contracepção	99	03
Nescon	Gravidez não planejada	05	00
	Gravidez na adolescência	22	02
	Contracepção	18	00
Total		355	24

4.1.1. Critérios de inclusão

- Estudos relacionados ao tema
- Estudos publicados entre 2000 e 2012,
- Textos no idioma Português

4.1.2. Critérios de exclusão

- Estudos não relacionados ao tema
- estudos publicados antes de 2000
- estudos que apresentavam somente o resumo
- estudos que não tinham acesso pela internet

4.1.3. Coleta de dados

A coleta de dados foi feita por meio de um instrumento (Apêndice A) com as seguintes variáveis:

- A) Dados de identificação do pesquisador (nome do autor)
- B) Dados de identificação do artigo (título do artigo; periódico; ano de publicação).
- C) Identificação do veículo de publicação;
- D) Fonte de localização do artigo;
- E) Objetivos do estudo
- F) Metodologia do estudo
- G) Resultados e discussões encontrados
- H) Conclusões

4.2. Análise de dados

Para a análise dos dados necessitou-se de uma leitura detalhada e exaustiva dos artigos. Os dados dos estudos foram coletados, analisados e agrupados nas seguintes categorias: estudos com desfecho sobre sexualidade, conhecimentos e usos dos métodos contraceptivos entre adolescentes, estudos com desfecho sobre gravidez na adolescência, estudos sobre gravidez não planejada, estudos sobre contracepção e aborto, estudos sobre anticoncepção de emergência, estudos com desfecho sobre ações educativas de promoção e prevenção da gravidez na adolescência e estudos com desfecho sobre assistência á saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes.

O quadro sinóptico que se segue mostra a numeração dada aos estudos, os autores, a fonte e o título do periódico, o tipo e o delineamento de cada estudo.

Quadro sinóptico dos estudos selecionados para a amostra

Número	Autores	Fonte	Título do periódico	Tipo	Delineamento
01	Brandão (2009)	SCIELO	Ciências e saúde coletiva	Artigo	Qualitativo
02	Rocha (2010)	LILACS	Ciências e saúde coletiva	Artigo	Transversal
03	Espejo et. al (2003)	LILACS	Cadernos Saúde Pública	Artigo	Qualitativo qui-quadrado
04	Almeida et. al (2003)	LILACS	Revista de saúde pública	Artigo	Transversal Corte transversal
05	Pauli, Pereria, Koepf (2003)	LILACS	BBoletim da Saúde	Artigo	Exploratório - descritivo
06	Costa et. al. (2010)	LILACS	Revista Brasileira de Enfermagem	Artigo	Descritivo Quantitativo
07	Olinto e Galvão (1999)	LILACS	Revista de saúde pública	Artigo	Transversal
08	Tachibana, Santos e Duarte (2006)	LILACS	Psychê	Artigo	Qualitativo
09	Jeolás e Ferrari (2003)	SCIELO	Ciências e saúde coletiva	Artigo	Qualitativo
10	Dias et. al	LILACS	Revista de Enfermagem UERJ	Artigo	qualitativo
11	Berlofi et al (2006)	SCIELO	Acta paulista de enfermagem		Descritivo-retrospectivo
12	Soares etl al.(2008)	SCIELO	Escola Ana Nery Revista	Artigo	Qualitativo
13	Rodrigues et al. (2010)	LILACS	Enfermeria Global	Artigo	Circulo da Cultura de Paulo Freire
14	Soares, et. al. (2008)	LILACS	Escola Ana Nery Revista	Artigo	Qualitativo

15	Camargo e Ferrari (2009)	LILACS	Ciencia e Saúde Coletiva	Artigo	Qualitativo
16	Mocellin et al. (2010)	LILACS	Revista Brasileira de saúde Materno Infantil	Artigo	Revisão da Literatura
17	Lima (2011)	NESCON	Nescon UFMG	Artigo	Revisão
18	Malfitano e Lopes (2003)	SCIELO	Cadernos de Saúde Pública	Artigo	qualitativo
19	Ferrari e Melchior (2008)	SCIELO	Interface	Artigo	Descritivo
20	Pereira (2011)	NESCON	Site Nescon	TCC	Revisão da literatura
21	Saito e Leal (2007)		Revista Paulista de Pediatria	Artigo	Relato
22	Souza e Brandão (2009)	SCIELO	Physis	Artigo	Revisão crítica
23	Borges et al (2010)	SCIELO	Cadernos de saúde pública	Artigo	Quantitativo transversal
24	Chaves (2010)	SCIELO	Revista Brasileira de de Clínica Médica	Artigo	quantitativo

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos por meio do instrumento de coleta de dados estão em anexo.

Em relação ao objetivo desta revisão, ou seja, a de promover ações visando reduzir o índice de gravidez não planejada, ancoradas em recomendações baseadas em evidências científicas para a ESF, observou-se, nos estudos que compõem a amostra, que as medidas a serem implementadas são passíveis de execução.

5.1. Estudos com desfecho sobre sexualidade, conhecimentos e usos dos métodos contraceptivos entre adolescentes

Mesmo com a crescente difusão de informações sobre sexualidade, a interiorização das normas contraceptivas entre nós é frágil. Compreender esse processo não é tão simples, pois trata-se de estabelecer nexos entre o aprendizado da sexualidade e da contracepção com a conquista gradativa da autonomia individual.

O conhecimento sobre métodos contraceptivos e riscos advindos de relações sexuais desprotegidas é fundamental para que os adolescentes possam vivenciar o sexo de maneira adequada e saudável, assegurando a prevenção da gravidez indesejada e das DST/AIDS, além de ser um direito que possibilita cada vez mais ao ser humano o exercício da sexualidade desvinculada da procriação (VIERA ET al., 2006 apud ROCHA, 2010).

Os estudos 01, 02, 03, 04, 05 e 06 incluídos nesse grupo discutem as vulnerabilidades no uso dos métodos contraceptivos, sendo a principal delas o uso descontínuo de métodos, cujas razões são explicitadas em cada um dos estudos.

O estudo 01 investigou os fatores associados ao uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes escolares na etapa prévia ao início do programa “Saúde Sexual e Reprodutiva na Adolescência” em escolas da rede pública estadual da Bahia. Os fatores associados ao uso de contraceptivos pelos rapazes incluíram a iniciação

sexual mais tardia, com parceria estável, contar com a família como fonte potencial de contraceptivos e acesso a serviços de saúde; entre as moças, ter iniciado a vida sexual há pouco tempo e ter o pai como fonte de informação sobre sexualidade, contracepção e prevenção DST/AIDS. A gravidez foi relatada por 6,4% dos rapazes e 18,1% das moças, sendo sua ausência associada ao uso constante de contraceptivos por elas. O estudo conclui que é complexo determinar o comportamento contraceptivo entre adolescentes e é necessário que os programas educativos incorporem as múltiplas dimensões da questão para que sejam efetivos.

Nos estudos 02, 04 a população foi composta por jovens. Os resultados desses dois estudos são bem semelhantes em relação à porcentagem de jovens estudantes que já haviam iniciado a vida sexual (pouco mais de 30%) e que conheciam algum MAC (mais de 90%).

O estudo 02 caracteriza o conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes de escolas públicas. O nível de conhecimento de MAC e o uso de preservativo sexual masculino são altos na população estudada de Cruzeiro do Sul - AC, o que nos leva a crer que são resultados positivos das políticas públicas de saúde sexual e reprodutiva atuais, que contribuem para redução da gravidez não planejada e de infecções por doenças transmitidas por via sexual.

O estudo 05 reconhece os princípios que regem o adolescer atualmente, tendo em vista a série de transformações da sociedade que influenciam no desenvolver dessa fase de vida. O adolescente busca viver livre, e se expressa pela afetividade, sexualidade e diversão. É um ser complexo, que necessita de intervenção direta dos profissionais da saúde. As ações relativas à adolescência encontram nas escolas seu maior ponto de apoio, onde, não saindo de sua rotina, o adolescente pode discutir assuntos relacionados à sexualidade sendo conscientizado e capacitado por uma equipe multiprofissional.

A população do estudo 03 se constituiu apenas de mulheres e seus achados complementam os dos estudos anteriores, pois aprofunda a compreensão dos usos dos MAC, incorporando o nível de conhecimento dos mesmos. Esse estudo fez uma análise de dados secundários para avaliar a adequação do conhecimento sobre métodos anticoncepcionais e sua associação com características socioeconômicas e

demográficas. O nível de conhecimento adequado alcançado pelas mulheres ainda é baixo e atingiu pouco mais de 50% destas, além disso, este conhecimento está relacionado ao nível educacional e socioeconômico. É necessário educar as mulheres de modo geral e, especificamente, quanto à contracepção. Os profissionais que trabalham nos serviços públicos de saúde devem ser capacitados para esclarecerem sobre o acesso aos métodos anticoncepcionais e prestarem informações adequadas sobre eles.

Os estudos 01 e 06 têm como foco as vulnerabilidades no uso dos MAC. O conceito de vulnerabilidade engloba os contextos sociais que engendram atitudes de exposição a determinados agravos, não se tratando apenas dos riscos para que determinado agravo venha a ocorrer (AYRES, et. AL, 2003 *apud* ALVES, BRANDÃO, 2009).

No estudo 01, discutem-se as dificuldades dos jovens no uso da contracepção e identifica fatores que levam a não utilização. Ser sexualmente ativo não é assumido publicamente, em ambas as classes sociais pesquisadas apresentam aspectos diferenciais, conforme a classe social da jovem. Está também relacionado à visão das famílias sobre sexualidade. Tais dificuldades são enfrentadas por todos, homens e mulheres, que lidam com a vida sexual e reprodutiva, em todas as fases da vida, pois envolvem emoções, desejos, determinação e relações de poder entre os gêneros. Os programas de educação sexual e os serviços de saúde precisam tratar desses aspectos.

O estudo 06 aborda os “momentos de vulnerabilidade” na utilização de métodos contraceptivos nas relações afetivo-sexuais na adolescência e juventude. Os rapazes usam a camisinha nas relações esporádicas, mas quando se trata de parceira fixa, esta é substituída pela “confiança”. Entre as mulheres a contracepção já está mais internalizada, entretanto, foram mencionados apenas os métodos de coito interrompido e injeção. As fontes de informações sobre sexualidade e contracepção são externas à família, ou seja, revistas, amigos, televisão e palestras nas escolas. Os serviços de saúde também não foram referidos pelos jovens como fonte de informação sobre sexualidade e contracepção. Há um distanciamento dos jovens com os pais e com o serviço de saúde. O estudo ainda demonstrou que os

jovens têm formação precária em sexualidade e gênero. É preciso, através dos esforços políticos, assistenciais e educacionais, transpor o que dificulta uma abertura maior da sociedade, nos serviços de saúde, nas escolas, na família, para que a sexualidade e os métodos contraceptivos sejam tratados de maneira menos preconceituosa, para que a iniciação sexual não seja de silêncios, e reprovação moral. .

Ao concluir a categoria temática sobre sexualidade, conhecimentos e usos dos métodos contraceptivos, vale destacar aspectos importantes que podem nortear o planejamento de ações para reduzir a gravidez na adolescência.

Os adolescentes e jovens iniciam a vida sexual cedo; os rapazes em torno dos 13 anos e as moças aos 15 anos. A grande maioria, mais de 90%, conhece algum método contraceptivo, sendo a pílula e a camisinha os mais citados. As moças conhecem mais MAC do que os rapazes, entretanto, o nível de conhecimento adequado ainda é baixo e está relacionado ao nível educacional e socioeconômico. Além disso, o uso dos MAC não é contínuo entre esses jovens. Os motivos do não uso contínuo são; imprevisibilidade das relações sexuais, “confiança” na parceira/o, contexto de relacionamento, relação com a família no que se refere à sexualidade, interrupção no uso dos métodos, efeitos colaterais com os contraceptivos hormonais, interrupção na distribuição dos métodos pelos serviços de saúde, descuido com a contracepção, dificuldades com os serviços de saúde que envolve o despreparo dos profissionais para atender adolescentes e jovens.

Há um distanciamento dos serviços de saúde quando o assunto é a sexualidade dos jovens. Esses dois segmentos merecem uma intervenção planejada de modo a garantir ações junto às ESF's e junto às famílias preparando-os para abordarem a sexualidade com esses jovens e adolescentes. Em relação à fonte de informações sobre sexualidade e as formas de prevenir a gravidez indesejada e as DST/AIDS, os pais e os serviços de saúde não foram citados pelos jovens. As fontes de informação citadas foram: os amigos, revistas, TV e a escola.

5.2. Estudos com desfecho sobre gravidez não planejada

As dificuldades de acesso aos serviços de saúde e a falta de organização destes, favorece o baixo índice de utilização de métodos contraceptivos sendo a principal causa de uma gravidez indesejada, dentro de uma visão sociocultural (CLELAND *et.al.* 2006). Existe a necessidade de uma maior atenção e desenvolvimento de programas especiais para adolescentes, melhorias no acesso aos serviços de saúde, expansão das opções de anticoncepcionais disponíveis e de ações programáticas e pesquisas sobre o tema (OLINTO *et.al.* 1999).

O estudo 07 oferece subsídios para o planejamento de ações do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher. Existe a necessidade de uma maior atenção e desenvolvimento de programas especiais para adolescentes, melhorias no acesso aos serviços de saúde, expansão das opções de anticoncepcionais disponíveis e de ações programáticas e pesquisas sobre o tema.

O estudo 08 investiga os motivos latentes da gravidez não planejada. As motivações são o desejo de vida e de esperança. Independentemente das frustrações relacionadas ao relacionamento conjugal, familiar e de saúde todas as participantes engravidaram por algum descuido em relação ao uso de métodos contraceptivos e buscavam inconscientemente, por meio de suas gestações, instintivamente a sobrevivência na esfera mais “adoecida” de suas vidas.

5.3 Estudos com desfecho sobre ações educativas de promoção e prevenção de gravidez na adolescência

As estratégias de educação em saúde devem ser direcionadas para os adolescentes para propiciar uma reflexão crítica dos alunos sobre as questões de risco e vulnerabilidades relacionadas ao comportamento sexual. A escola é um ambiente ideal para a prática de educação em saúde, pois pode contribuir para o que os indivíduos usem medidas preventivas o que leva a redução da vulnerabilidade

desses adolescentes às DST e gravidez não planejada. (DIAS, *et. AL.*2010).

Os estudos 09, 10, 11, 12, 13, 14 e 15 incluídos nesse grupo discutem as ações educativas de promoção e prevenção de gravidez na adolescência.

O estudo 9 analisa os dados dos questionários aplicados aos adolescentes que participaram de oficinas de prevenção com metodologia participativa. A maior dificuldade encontrada foi a falta de continuidade das ações desenvolvidas pelo serviço de saúde. Sugere-se a capacitação dos profissionais da saúde e da educação que encaminham os adolescentes para as oficinas no serviço de saúde, formando jovens multiplicadores junto a seus pares, familiares e comunidade.

O estudo 12 buscou compreender como os adolescentes vivem e exercitam sua sexualidade. As oficinas lúdicas pedagógicas são um ambiente ideal para discussão de mudanças de atitudes através de informação, reflexão, expressão de ideias e sentimentos, sendo necessário ser complementado pela família, escola e políticas sociais locais. Os alunos enfatizaram o risco de uma gravidez indesejada e reconheceram a importância do uso de métodos contraceptivos.

O estudo 13 visou sensibilizar os adolescentes à transformação da realidade social através de ações educativas voltadas à saúde sexual e reprodutiva, de forma responsável e saudável, minimizando vulnerabilidades e agravos à saúde. Foi realizado um trabalho educativo de valorização humana, e uma intervenção pedagógica adequada ao processo de educação em saúde, configurando-se como um espaço para reflexão e construção de conhecimento compartilhado, estimulando a participação ativa que transforma os alunos em sujeitos de mudanças.

Os estudos 09, 12 e 13, utilizaram as oficinas lúdico-pedagógicas, por meio de jogos, dinâmicas, bingos, teatro, apresentações em vídeo e discussões em grupo como recursos para que os jovens manifestem as diversas expressões em relação à sexualidade, MAC's, e prevenção das DST/AIDS. Em relação à sexualidade, surgiram diversas expressões relacionadas aos temas, namorar, ficar, masturbação, virgindade, casamento, início da vida sexual, as relações de gênero – as diferenças entre moças e rapazes na forma como compreendem e pensam a sexualidade, bem como as diferenças socioculturais que afetam esse pensar e viver.

As oficinas são estratégias que facilitam aos adolescentes tomarem posse de informações e de fazerem reflexões sobre suas ideias e sentimentos, representando um processo de empoderamento desses jovens para uma tomada de decisão autônoma e cidadã em relação aos seus direitos sexuais e reprodutivos. As oficinas lúdico-pedagógicas podem ser aplicadas em escolas, serviços de saúde e grupos comunitários.

Os dois estudos a seguir apresentados tiveram como propósito avaliar os efeitos de atividades educativas.

O estudo 10 relata os efeitos das ações de educação em saúde na escola. As estratégias de educação em saúde devem ser direcionadas para os adolescentes para propiciar uma reflexão crítica dos alunos sobre as questões de risco e vulnerabilidades relacionadas ao comportamento sexual. A escola é um ambiente ideal para a prática de educação em saúde, pois pode contribuir para o que os indivíduos usem medidas preventivas o que leva a redução da vulnerabilidade desses adolescentes às DST e gravidez não planejada.

O estudo 15 teve como objetivo analisar o conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade, métodos contraceptivos, gravidez, DST e AIDS, antes e após oficinas de prevenção. O estudo conclui que o trabalho sobre sexualidade na escola para os adolescentes deve ser sistemático, a médio e longo prazo. A oficina amplia o conhecimento dos adolescentes. Este método em forma de oficina favorece espaço de discussão, de troca de experiências pessoais e do grupo, partindo da realidade para a reflexão e o debate de suas próprias práticas, formando adolescentes multiplicadores do conhecimento, possibilitando a adesão de práticas sexuais seguras, evitando-se a gravidez não planejada, assim como as DST/AIDS.

Os estudos 10 e 15 avaliaram os efeitos das ações educativas cuja estratégia foi a oficina. Os adolescentes demonstraram que sabem pouco sobre MAC's, limitando-se à camisinha e à pílula. Em relação ao conhecimento do corpo, as meninas demonstraram conhecer mais que os meninos. Após as atividades educativas, os conhecimentos em relação a esses temas melhoraram em ambos os grupos. Porém,

é fundamental que essas ações educativas sejam contínuas para que possam impactar na redução da gravidez na adolescência. A metodologia foi destacada como um aspecto importante das oficinas, devendo-se optar por metodologias mais ativas, no sentido de favorecer a troca de experiências e conhecimentos, permitindo assim a expressão do sujeito como cidadão ativo e consciente de suas escolhas.

Os estudos a seguir apresentam ações que podem ser desenvolvidas nos serviços de saúde como forma de prevenir a gravidez não planejada ou a reincidência de gravidez na adolescência.

O estudo 11 avaliou os efeitos de um programa educativo e assistencial frente a reincidência de gestação em adolescentes. O condom e os contraceptivos hormonais foram os métodos mais utilizados. A reincidência de gravidez foi observada em 4,9% das adolescentes. Devem-se oferecer programas de planejamento familiar, que englobem a educação e a assistência com oferta do método contraceptivo, voltados para essa clientela. Aponta que a informação sobre métodos anticoncepcionais é a forma mais eficaz para prevenir a gravidez precoce.

O estudo 14 ressalta a importância do trabalho educativo realizado pelo enfermeiro na consulta de enfermagem e em grupo, enfatizando a importância da metodologia adotada nesse trabalho, criticando as palestras e apontando a necessidade de trabalhar com metodologias ativas, cujo foco é o sujeito da aprendizagem; o adolescente.

5.4 Estudos com desfecho sobre gravidez na adolescência

A gravidez não planejada na adolescência em particular é abordada como problema de saúde pública e um empecilho para que a adolescente possa se desenvolver enquanto uma pessoa provida de opções. Muitos estudos comprovam que a gravidez na adolescência se dá pelo motivo da falta de informação contraceptiva e um baixo nível sócio cultural. (CAMARANO, 1998).

Foram incluídos nesta categoria os estudos 16, e 17 que abordam estratégias para

a redução da gravidez na adolescência. Os programas que utilizam a educação sexual compreensiva se mostraram mais efetivos na redução da ocorrência de gestações precoces.

O estudo 16 identificou as abordagens com impacto para redução da ocorrência de gestações precoces; a) educação sexual compreensiva (100% com resultados positivos), prevenção de reincidência de gravidez (60%) e programas de abstinência (50%). As abordagens sociais que levam em consideração as diferentes particularidades sócias demográficas e comportamentais dos adolescentes são pontos relevantes para o sucesso das intervenções, pois são estratégias que remetem à reflexão dos adolescentes sobre as escolhas para sua vida futura.

O estudo 17 afirma que os profissionais de saúde devem realizar a captação dos adolescentes para incluí-los nos programas de planejamento familiar e educação em saúde e que as ações devem permitir o resgate de valores e mudanças nas atitudes, através de informações para prevenir a gravidez na adolescência por meio de um trabalho conjunto entre profissionais de saúde, professores, família e os jovens.

5.5 Estudos com desfecho sobre assistência à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes

Foram incluídos nesta categoria os estudos 18, 19 e 20.

Os estudos 18 e 19 nos mostram um panorama não muito animador sobre a situação da assistência à saúde dos adolescentes. Ao analisar esses dois estudos foi possível compreender que os profissionais de saúde da atenção básica não estão preparados para lidar com essa clientela, que fica invisível aos olhos dos profissionais e dos gestores. Em relação aos temas que demandam a atenção dos serviços, apontados pelos profissionais e gestores são: gravidez na adolescência, sexualidade e drogadição. Esta última, apesar de ser um problema de saúde pública importante, foi referida como fora da governabilidade dos serviços de saúde. Os profissionais de saúde afirmam a importância das ações preventivas, entretanto,

pouco se tem feito nesse campo. As atividades realizadas pelas unidades de saúde dirigidas aos adolescentes, em sua maioria, se resumem ao pré-natal. É urgente implementar ações de saúde sexual e reprodutiva para jovens nas unidades de saúde.

Recomenda-se que essas ações sejam feitas por meio de parceiras com outros setores da sociedade como forma de ampliar a oferta de serviços aos adolescentes, bem como possibilitar a construção de novas abordagens a esses jovens.

O estudo 18 teve como objetivo conhecer a realidade de uma região periférica do Município de São Carlos, SP. Os jovens não buscam os serviços de saúde. Os profissionais não enxergam as reais demandas dos jovens, repetindo demandas antigas de atenção, que se afastam das reais necessidades da população. São poucas as estratégias de atenção a este grupo. É preciso descobrir as possibilidades dos serviços de saúde e expandi-las para que estes jovens se tornem um grupo prioritário de atendimento e intervenção.

O estudo 19 mostra que o atendimento aos adolescentes nas unidades de saúde estudadas é limitado e a maioria deles é para a adolescente gestante. A maioria dos médicos e enfermeiros afirma ainda ser prioritário o desenvolvimento de ações de assistência à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes e jovens, entretanto, apenas uma minoria refere desenvolver tais ações.

O estudo 20 levantou algumas possibilidades de ações educativas com adolescentes a partir de uma revisão da literatura, que podem ser desenvolvidas no ambiente escolar, nos serviços de saúde e nos serviços de saúde específicos para adolescentes.

5.6 Estudos com desfecho sobre contracepção de emergência

A contracepção de emergência (CE) não é abortiva e pode ser usada em qualquer etapa da vida reprodutiva.

Os marcos normativos e político-institucionais da anticoncepção de

emergência no Brasil estão bem estabelecidos, pois desde 1996 o Brasil apresenta um contexto jurídico e político favorável. É uma tecnologia aprovada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e está inserida nos recursos disponíveis às mulheres que constam na Política Nacional de Saúde da Mulher do MS (BRASIL, 2004), porém ainda é uma alternativa de contracepção pouco utilizada para prevenir gravidez imprevista e morbimortalidade associada; o abortamento inseguro, principalmente em países onde o aborto é considerado ilegal, como os da América Latina (SOUZA, BRANDÃO, 2009, p.1070).

Foram incluídos nesta categoria os estudos 21, 22 e 23.

O estudo 21 relata os resultados do Fórum "Adolescência e Contracepção de Emergência". Seu principal resultado foi a Resolução do Conselho Federal de Medicina afirmando que a CE não é abortiva e pode ser usada em qualquer etapa da vida reprodutiva e cumpre um papel de destaque dentro da proposta de educação sexual, devendo fazer parte da orientação anticoncepcional como um todo, posto que é um direito dos adolescentes terem acesso ao conhecimento sobre todos os métodos contraceptivos. É dever do profissional de saúde oferecer todas as alternativas de informação de forma clara, fácil, acessível, independente de qualquer circunstância.

O estudo 22 discute as dificuldades de implementação da anticoncepção de emergência. Existem dificuldades no acesso e utilização da AE via serviços públicos de saúde; pois são comumente consideradas abortivas por profissionais de saúde, usuárias e seus parceiros; alguns profissionais acreditam que esse método levaria os usuários, principalmente adolescentes, a abandonar outros métodos contraceptivos de uso regular, inclusive preservativo, fato não confirmado pelos estudos realizados. Existem barreiras culturais e desinformação, as quais comprometem a busca e o uso do AE pela maioria da população usuária do Sistema Único de Saúde. A população se sente mais à vontade para recorrer às farmácias para comprar a AE sem orientação médica, e assim coloca sua saúde em risco, tal fato não é isolado, está diretamente ligado ao temor do julgamento moral, que pode ocorrer nos serviços de saúde, se os profissionais não estiverem preparados para lidar com a situação. A aceitação do método envolve mudanças de valores e de comportamentos sociais e exige profunda disposição dos envolvidos para atuarem sem preconceitos e lidar com a contracepção e com a gravidez

imprevista, sem estigma. A equipe de saúde deve de fato assumir o compromisso ético de respeitar os direitos sexuais e reprodutivos dos usuários.

Apesar da política oficial do Ministério da Saúde que subscreve a anticoncepção de emergência, a sua aceitabilidade ainda é pequena. Há oposição da igreja, dos profissionais de saúde e da sociedade de modo geral. Há resistências e barreiras culturais que precisam ser discutidas nos vários segmentos. É indiscutível que a AE está bem estabelecida em relação às normas e procedimentos, porém o seu efetivo uso ainda está longe de ser alcançado. As resistências e barreiras precisam ser avaliadas, refletidas e discutidas pelos serviços de saúde.

O estudo 23 investiga as práticas contraceptivas de 487 jovens estudantes de uma universidade pública paulista. Existe uma associação do uso da anticoncepção de emergência com a idade, idade de início da vida sexual, ter deixado de usar preservativo masculino em alguma relação sexual, ter vivenciado ruptura acidental do preservativo masculino e conhecer alguém que já a tenha utilizado. A anticoncepção de emergência está mais relacionada a inconsistências no uso de métodos regulares do que ao não uso.

5.7 Estudo com desfecho sobre contracepção e aborto

O aborto induzido ocorre por opção ao encerramento da gravidez. Este procedimento oferece risco cada vez maior à medida que o tempo de gravidez vai aumentando. Infelizmente, muitas mulheres morrem por complicações em abortos realizados em clínicas clandestinas e também por utilizarem meios alternativos que comprometem sua saúde.

O estudo 24 incluído nesse grupo discute o abortamento provocado e o uso de contraceptivos em adolescentes.

O estudo 24 descreve aspectos do comportamento sexual e reprodutivo das adolescentes grávidas, visto sob três determinantes deste processo: a iniciação sexual, o uso de métodos anticoncepcionais e a interrupção voluntária da gravidez. O

estudo também analisa o tipo de abortamento, em relação à motivação, em adolescentes internadas na Casa Maternal Dr. Paulo Neto em Maceió, AL. A adolescência favorece uso incorreto dos métodos anticoncepcionais, resultando em gravidez não planejada e desfecho no abortamento provocado. É preciso maior investimento público na assistência ao uso de métodos contraceptivos entre os adolescentes respeitando seus direitos sexuais e reprodutivos, para que ocorra a diminuição da incidência do abortamento, haja vista que as adolescentes estão engravidando e buscando o aborto como solução para gravidez não planejada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram inúmeras as causas encontradas para ocorrência de uma gravidez não planejada, entre estas, algumas são inerentes ao próprio adolescer, outras, ao acesso a programas de saúde sexual e reprodutiva. Destacamos: a) a baixa quantidade e qualidade de ações sobre sexualidade e reprodução destinada aos jovens e adolescentes, desenvolvidas pelos serviços de saúde e pelas escolas; b) falta de continuidade das ações de promoção prevenção desenvolvidas pelo serviço de saúde; c) falta de preparo dos profissionais para lidar com os adolescentes, sendo que a maior parte das ações é dirigida às adolescentes grávidas, tais como pré-natal e exame preventivo do câncer do colo de útero. d) (complexidade do comportamento contraceptivo entre adolescentes; e) baixo índice de informação e/ou compreensão das informações; f) baixo índice de utilização de métodos contraceptivos.

Alguns dos estudos que fazem parte do escopo deste trabalho sinalizam para importância de um programa de planejamento sexual e reprodutivo voltados para adolescentes. Neste sentido serão apontadas algumas ideias para apoiar esse trabalho.

O processo de educação sexual deve ser exercido não como domesticação dos indivíduos, mas como uma oportunidade de autorreflexão. As ações devem ser contínuas e articuladas Inter institucionalmente. Os programas educativos devem incorporar as múltiplas dimensões da sexualidade, emoções, desejos, determinação e relações de poder entre os gêneros, para que tenham efetividade. Existe a

necessidade de maiores investimentos na educação das mulheres de modo geral e, especificamente, quanto à contracepção.

O desenvolvimento de programas especiais para adolescentes, como as oficinas, propicia um ambiente favorável para discussão de mudanças de atitude pelos adolescentes por meio da informação, reflexão, expressão de ideias e sentimentos. São oportunidades para empoderar os adolescentes para que eles possam fazer suas escolhas de forma consciente, autônoma e cidadã. Esse processo deve ser complementado pela família, escola e políticas sociais locais,

Os trabalhos educativos de valorização humana devem considerar que uma intervenção pedagógica é adequada para adolescentes e professores, esse processo de educação em saúde configura um espaço para reflexão e construção de conhecimento compartilhado, estimulando a participação ativa e tornando-os sujeitos de mudanças. Sugerimos intensificar as ações educativas, em particular, sobre a sexualidade e a prevenção da gravidez na adolescência, por meio de grupos de adolescentes e de conversações diretas com os jovens e a comunidade, a fim de reduzir este fenômeno e, conseqüentemente, contribuir para a promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes.

Os profissionais que trabalham nos serviços públicos de saúde devem estar capacitados para proverem acesso aos métodos e informação adequada. O desenvolvimento de programas especiais para adolescentes, utilizando-se de oficinas, propicia um ambiente favorável para discussão de mudanças de atitude pelos adolescentes por meio da informação, reflexão e expressão de ideias e sentimentos, representando um processo a ser complementado pela família, escola e políticas sociais locais. Essas são oportunidades empoderam os adolescentes para que eles possam fazer suas escolhas de forma consciente, autônoma e cidadã. A estratégia de formar jovens multiplicadores, para que eles deem prosseguimento às ações de prevenção, baseadas em metodologia participativa, tem se mostrado uma alternativa apropriada.

Para o desenvolvimento dessas ações é urgente que os profissionais que trabalham nos serviços públicos de saúde sejam capacitados para lidar com as singularidades e especificidades da adolescência e garantam acesso aos métodos contraceptivos e

à informação adequada sobre eles. Além disso, devem buscar parcerias com outros setores a fim de obter melhor e maior efetividade nas ações de atenção integral.

A contracepção de emergência deve fazer parte da orientação anticoncepcional. A AE já está bem fundamentada, pois desde 1996 o Brasil apresenta um contexto jurídico e político favorável.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.da C.C de., ET al. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. **Rev. Saúde Pública** v.37 n.5 São Paulo out. 2003. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00348910200300050004>. Acesso em: 18/05/2012.

ALVES, C.A, BRANDÃO E.R. Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. **Ciênc. saúde coletiva** vol.14 nº 2 Rio de Janeiro Mar./Apr. 2009. Disponível em:<http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S141381232009000200035&script=sci_arttext>. Acesso em: 16/05/2012.

BERLOFI, L.M. et al. Prevenção da reincidência de gravidez em adolescentes: efeitos de um Programa de Planejamento Familiar. **Acta paul. enferm.** vol.19 nº 2 São Paulo Apr./June 2006. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002006000200011>. Acesso em: 17/05/2012.

BORGES, A.L.V., ET al. Práticas contraceptivas entre jovens universitários: o uso da anticoncepção de emergência. **Cad. Saúde Pública** vol.26 nº 4. Rio de Janeiro, Abril 2010. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2010000400023>. Acesso em 13/05/12.

BOZON, M. **A nova normativa das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas.** In: HEILBORN, ML (org.). Família e sexualidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.119 - 150.

BRANDÃO, E. R. Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde. **Ciênc. saúde coletiva** vol.14, no. 4, Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400013>. Acesso em 10/05/12.

CAMARANO, A. **Fecundidade e anticoncepção da população jovem.** In: Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília/DF: CNPD, 1998.

CAMARGO, E.A.I. , FERRARI, R.A.P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciênc. saúde coletiva** vol.14 nº. 3. Rio de Janeiro. May/June 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232009000300030&script=sci_arttext> . Acesso em 13/05/2012.

CHAVES, J.H. B. Abortamento provocado e o uso de contraceptivos em adolescentes. **Rev. Bras. Clin. Med.** 2010; 8(2): 94-100. Disponível em: <<http://lilacs.bvsalud.org/>>. Acesso em: 27/03/2012.

CLEVELAND J. et al. Family planning: the unfinished agenda. **Lancet** 2006, 368: 1810-27.

DIAS, F.L.A., ET al. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2010 jul./set; 18(3): 456-61. Disponível em:< <http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a21.pdf>>. Acesso em: 18/05/2012.

ESPEJO, X., ET al. Adequação do conhecimento sobre métodos anticoncepcionais entre mulheres de Campinas. São Paulo. **Rev. Saúde Pública** 2003; 37(5): 583-90. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/rsp/v37n5/17472.pdf>>. Acesso em: 19/05/2012.

FERRARI, R. A.P. THOMSON, Z.,MELCHIOR,R.Ações e percepção dos médicos e enfermeiros do Programa Saúde da Família. **Saúde, Educ.**, v.12, n.25, p.387-400. Abr./jun. 2008. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n25/a13v1225.pdf>>. Acesso em 14/05/2012.

GIPSON, J.D., KOENING, M.A., HINDIN, M.J. The effects of unintended pregnancy on infant, child, and parental health: a review of the literature. **Stud Fam Plann**, 2008, n.39, p. 18-38.

GURGEL, M.G.I., et al. Desenvolvimento de habilidades: estratégia de promoção da saúde e prevenção da gravidez na adolescência. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS) 2010 dez;31(4):640-6. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/14939>. Acesso em 11/05/12.

JEOLÁS, L. S. F., R. A. P. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. **Ciênc. saúde coletiva vol.8 no. 2, 2003**. Disponível em: <www.scielo.com>. Acesso em 25/03/2012.

LANGER A. El embarazo no desejado: impacto sobre la salud y la sociedad en América. Latina y el Caribe. **Rev Panam Salud Pública**, 2002, no. 11, p.192-203.

LIMA, A.P. da C. A estratégia saúde da família e a gravidez na adolescência. **Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Medicina. Núcleo de Educação em Saúde Coletiva. Belo Horizonte, 2011. 18f. Monografia (Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família)**. Disponível em: <http://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registro/A_estrategia_saude_da_familia_e_a_gravidez_na_adolescencia/183>. Acesso em 28/03/2012.

MALFITANO, A. P. S., LOPES, R. E. Atenção básica em saúde para adolescentes e jovens: velhos mitos e novos distanciamentos. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 14, n. 3, p. 110-7, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rto/v14n3/03.pdf>>. Acesso em: 04/05/2012.

MOCCELLIN, A.S. ET al. Efetividade das ações voltadas à diminuição da gravidez não planejada na adolescência: revisão da literatura. **Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.** vol.10 nº4. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292010000400002>. Acesso em: 16/05/2012.

OLINTO, M.T. A, GALVÃO L.W. Características reprodutivas de mulheres de 15 a 49 anos: estudos comparativos e planejamento de ações. **Rev. Saúde Pública**, vol.33, n.1, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101999000100009>. Acesso em: 06/05/2012.

PAULI, L.T.S., PEREIRA, L.C., KOEPP, J. Conhecendo o perfil dos adolescentes que participam de dinâmicas de grupos como forma de conhecer a sexualidade. **Boletim da Saúde**, v. 17, n. 1, 2003, p.62-71. Disponível em: <http://www.esp.rs.gov.br/img2/v17n1_07conhecendo.pdf>. Acesso em: 16/04/2012.

PEREIRA, L. A. de F. A Sexualidade e a gravidez na adolescência: desafios e estratégias. 2011. Disponível em: <<http://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2954.pdf>>. Acesso em 12/03/2012.

ROCHA, M.J. F. Adolescência e anticoncepção: conhecimento e o uso de métodos anticoncepcionais por estudantes da zona urbana de Cruzeiro do Sul, Acre. São Paulo; s.n.; 2010. [188] p. Tese [LILACS ID: 558101]. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-02032010-162337/pt-br.php>>. Acesso em: 18/05/2012.

RODRIGUES, M.G.S. Oficinas educativas em sexualidade do adolescente: a escola como cenário. **Revista Eletrônica Enfermeria Global**, nº 20,2010. Disponível em: <http://scielo.isciii.es/pdf/eg/n20/pt_docencia2.pdf>. Acesso em 19/05/12.

SOARES, M.S., ET al. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. **Esc. Anna Nery Rev.** 2008 set; 12 (3): 485-91. Disponível em: <http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/20083/artigo%2012.pdf>. Acesso em: 17/05/2012.

SOBRINHO, ET al. Planejamento familiar: Métodos e dificuldades de mulheres residentes na Ceilândia. **Rev. Eletrônica de Enfermagem do Unieuro**, 2008, p. 51-63.

SOUZA, R.A, BRANDÃO E.R. Marcos normativos da anticoncepção de emergência e as dificuldades de sua institucionalização nos serviços públicos de saúde. **Physis** vol.19 nº 4 Rio de Janeiro 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000400009>. Acesso em: 08/05/2012.

TACHIBANA, M., ET al. O conflito entre o consciente e o inconsciente na gravidez não planejada. **Psychê** — Ano X — nº 19 —/2006 — p. 149-167. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141511382006000300010&script=sci_arttext>. Acesso em: 20/05/2012.

VIERA, ET al. Reflexões sobre anticoncepção na adolescência no Brasil. **Rev. Bras. Saúde Materno-Infantil**, 2006, n.6, p.135-40.

8 ANEXOS

8.1 Apêndice A - Instrumento da coleta de dados

APÊNDICE – Instrumento de coleta de dados
Referência da literatura
Nacionalidade do autor
Fonte <input type="checkbox"/> LILACS <input type="checkbox"/> Scielo <input type="checkbox"/> Nescon
Ano da publicação
Título_____
Objetivo_____
Metodologia_____
Tipo de coleta de dados_____
Resultados_____

Disussões_____

8.2 Apêndice B – coleta de dados

Estudo 01
Título Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde
Fonte da publicação: Ciênc. saúde coletiva vol.14 nº 4 Rio de Janeiro July/Aug. 2009
Autora: Elaine Reis Brandão
Nacionalidade da autora: Brasileira
Fonte <input type="checkbox"/> LILACS <input checked="" type="checkbox"/> Scielo <input type="checkbox"/> Nescon

Ano da publicação 2009

Objetivo

Discute algumas dificuldades encontradas por homens e mulheres jovens no manejo da contracepção, no decorrer de suas trajetórias afetivo-sexuais e identifica situações propensas a não utilização de métodos anticonceptivos (MAC).

Metodologia

Trata-se de pesquisa sócio antropológica, de natureza qualitativa,

Tipo de coleta de dados

Material empírico obtido de 73 entrevistas em profundidade com jovens de estrato médio e de estrato popular de 3 capitais, As entrevistas foram realizadas no ano de 2000, a partir de um roteiro semiestruturado.

Resultados

Os entrevistados apontam algumas razões como justificativas das interrupções, trocas ou falhas no uso de métodos contraceptivos. São elas: contexto do relacionamento; relação com a família no que se refere à sexualidade: medo ou vergonha por parte das jovens de revelar o próprio exercício sexual, de sua exposição pública na família ou na comunidade; efeitos colaterais dos métodos hormonais; descuido com a contracepção; dificuldades dos serviços de saúde: esse tópico envolve o despreparo dos profissionais de saúde no atendimento aos adolescentes e jovens e a interrupção na distribuição dos métodos nos serviços públicos de saúde, aliada às dificuldades financeiras dos jovens para comprá-los e “falha” dos métodos. O estudo ainda aponta algumas dificuldades relacionadas ao uso regular de métodos contraceptivos peculiares ao universo masculino. [[Elas podem também ser agrupadas em a] Concepção da paternidade arraigada entre os segmentos popular como afirmadora da virilidade e da masculinidade; b] Uso de preservativo somente com parceiras “desconhecidas”, que é abandonado à medida que as relações se estabilizam; c] Uso de coito interrompido, sem associação com tabela ou sem conhecimento do ciclo menstrual da parceira.

Discussões

É significativo o não uso de métodos no momento da iniciação sexual, em ambos os segmentos sociais e sexos. Há o incremento dos métodos hormonais após o nascimento do(s) filho(s); contudo, os rapazes de meio popular permanecem se arriscando nas relações extraconjugais, seja com parceiras ocasionais que se tornam fixas (com as quais eles não usam preservativo, tal como as esposas), seja com as “mulheres da rua”. De fato, como se discutirá à frente, o pré-natal legítima e coloca a jovem das camadas populares em contato frequente com os serviços de saúde, oportuniza uma escolha mais segura no campo da contracepção. Nas camadas médias, não ocorre segunda gravidez, ao contrário de o que ocorre nas camadas populares, nas quais o número de gestações supera o número de filhos nascidos. O número de abortos provocados é mais relatado pelos rapazes do que pelas moças, aspecto já discutido em trabalhos anteriores.

Conclusões

Em síntese, o exercício sexual entre adolescentes e jovens permanece encoberto, não é assumido publicamente, no início das trajetórias sexuais das jovens, de ambas as classes sociais pesquisadas. O gerenciamento de uma sexualidade não plenamente legitimada apresenta aspectos diferenciais, conforme a classe social da jovem. Ele está relacionado à gestão da sexualidade na família das jovens, na relação que as diferentes gerações estabelecem para lidar com a sexualidade juvenil. Tais dilemas ou dificuldades não são enfrentados apenas pelos adolescentes e jovens, mas por todos, homens e mulheres, que lidam com a gestão da vida sexual e reprodutiva, em todas as fases da vida. Não se trata de uma experiência linear, racional, facilmente administrável; ao contrário, envolve emoções, desejos, determinação e relações de poder entre os gêneros. É disso que os programas de educação sexual e os serviços de saúde precisam tratar.

Estudo 02
<p>Título</p> <p>Adolescência e anticoncepção: conhecimento e o uso de métodos anticoncepcionais por estudantes da zona urbana de Cruzeiro do Sul, Acre.</p>
<p>Autor: Rocha, Maria José Francalino da</p>
<p>Fonte da publicação: São Paulo; s.n; 2010. [188] p.Tese [LILACS ID: 558101]</p>
<p>Nacionalidade da autora: Brasileira</p>
<p>Fonte (x) LILACS () Scielo () Nescon</p>
<p>Ano da publicação 2010</p>
<p>Objetivo</p> <p>Caracterizar o conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes de escolas públicas</p>
<p>Metodologia</p> <p>Estudo transversal, realizado com amostra probabilística e representativa de 363 adolescentes, de ambos os sexos, que não viviam conjugalmente, com idades entre 13 e 17 anos, matriculadas no período diurno, de escolas públicas, da zona urbana do município de Cruzeiro do Sul, Estado do Acre, em 2008.</p>
<p>Tipo de coleta de dados</p> <p>A caracterização de conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais foi feita, a partir da aplicação de um questionário estruturado, contendo perguntas fechadas e abertas sobre sexualidade e métodos contraceptivos.</p>
<p>Resultados</p> <p>Dos 363 adolescentes, 55,4% eram do sexo feminino e 44,6 %, do masculino, com média de idade de 14,7 anos; 32,0%afirmaram que haviam iniciado a vida sexual; as moças, com média de idade de 15,0 anos e os rapazes, com 13,3 anos; 98,9 % referiram conhecer algum tipo de MAC, especialmente, o preservativo (95,3 %) e a pílula (80,1 %). Mais do que metade das moças e rapazes, respectivamente, 58,3</p>

%e 59,6 %, referiram conhecer entre 1 e 4 tipos de MAC. Dentre os que iniciaram, ou não, a vida sexual, 78,4% e 65,6 %, respectivamente, já tinha ouvido falar sobre dupla proteção. Dentre aqueles com vida sexual ativa, 79,3% das moças e 81,0 % dos rapazes referiram terem feito uso de preservativo na primeira e na última relação sexual.

Conclusões

O alto nível de conhecimento de MAC e o elevado uso de preservativo sexual masculino entre esses adolescentes podem expressar resultados positivos das políticas públicas de saúde sexual e reprodutiva atuais, contribuindo para diminuição de gravidez não planejada e de infecções por doenças transmitidas por via sexual.

Estudo 03

Título

Adequação do conhecimento sobre métodos anticoncepcionais entre mulheres de Campinas, São Paulo.

Fonte da publicação: Rev. Saúde Pública v.37 n.5 São Paulo out. 2003

Autores: Ximena Espejo; Maria Alice Tsunechiro; Maria José Duarte Osis; Graciana Alves Duarte; Luis Bahamondese; Maria Helena de Sousa.

Nacionalidade dos autores: Brasileira

Fonte (x) LILACS () Scielo () Nescon

Ano da publicação 2003

Objetivo

Avaliar a adequação do conhecimento sobre métodos anticoncepcionais e sua associação com características socioeconômicas e demográficas.

Metodologia

Foi estudada uma amostra de 472 mulheres da Cidade de Campinas, Estado de São Paulo.

Tipo de coleta de dados

Aplicou-se o teste qui-quadrado para avaliar diferenças entre as variáveis, e realizou-se análise múltipla por regressão logística para identificar as variáveis independentes associadas à adequação do conhecimento (medida através de um escore).

Resultados

Pouco menos da metade das mulheres alcançou um escore de conhecimento dos métodos anticoncepcionais maior que seis classificados como adequado. A maior escolaridade e a melhor classificação de estrato socioeconômico associaram-se a um maior escore de conhecimento. Quase todas as mulheres entrevistadas (95,1%) referiram espontaneamente conhecer a pílula, 72% mencionaram o preservativo, e 60,6% o DIU. Pouco mais de um terço das entrevistadas referiu-se à laqueadura, enquanto apenas 8,5% mencionaram a vasectomia. Em relação ao conhecimento, pouco menos da metade conseguiu atingir o escore adequado, sendo diretamente proporcional à escolaridade. Um escore superior de conhecimento dos MAC (acima de seis) também esteve associado à maior renda individual das mulheres, à maior renda familiar e a pertencer aos estratos socioeconômicos A e B. O maior número de filhos vivos (três ou mais) esteve inversamente associado ao escore de conhecimento sobre MAC acima de seis, enquanto o estrato socioeconômico (A, B/C, D, E) apresentou associação direta com esse escore.

Conclusões

Os resultados apresentados permitiram perceber que o conhecimento que as mulheres entrevistadas tinham acerca dos diversos métodos anticoncepcionais era limitado e, em geral, estava associado a variáveis socioeconômicas. Quanto à adequação do conhecimento acerca dos métodos em geral, observou-se que muitas entrevistadas diziam conhecer vários MAC, mas pouco sabiam sobre os mesmos, ou revelaram conceitos errôneos acerca

deles. Os resultados ainda apontam para a necessidade de maiores investimentos na educação das mulheres de modo geral e, especificamente, quanto à contracepção. Ao mesmo tempo, é necessário que os profissionais que trabalham nos serviços públicos de saúde estejam capacitados para proverem acesso aos métodos e à informação adequada sobre eles.

Estudo 04

Título

Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia

Fonte da publicação: Rev. Saúde Pública v.37 n.5 São Paulo out. 2003.

Autores: Maria da Conceição Chagas de Almeida; Estela Maria Leão de Aquino; Lynne Gaffikin; Robert J Magnani.

Nacionalidade dos autores : Brasileira

Fonte (x) LILACS) () Scielo () nescon

Ano da publicação 2003

Objetivo

Investigar fatores associados ao uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes escolares na etapa prévia ao início do programa “Saúde Sexual e Reprodutiva na Adolescência” em escolas da rede pública estadual da Bahia

Metodologia

Estudo de corte transversal

Tipo de coleta de dados

Utilizou um questionário composto por blocos sobre informações gerais, conhecimentos sobre sexualidade, gravidez, anticoncepção e DST/AIDS, atitude diante da gravidez e DST/AIDS e questões sobre iniciação sexual que foi auto aplicado em 4.774 alunos de ambos os sexos, entre 11 e 19 anos.

Calcularam-se as prevalências de uso de contraceptivos na primeira e na última relação sexual e em ambas as situações (uso consistente). A regressão logística foi utilizada para a análise simultânea dos fatores e cálculo de medidas ajustadas. O banco de dados foi constituído com a utilização do *software* Epi Info, versão 6.0, com dupla digitação por profissionais distintos. A análise estatística foi efetuada utilizando-se o *software* STATA 7.

Resultados

Entre os 4.774 alunos entrevistados, 1.664 (34,8%) estudantes que referiram iniciação sexual prévia foram considerados como população do estudo. Destes estudantes selecionados, 14,0% responderam que “não sabiam” se o/a parceiro/a havia usado algum método contraceptivo na primeira ou na última relação sexual, dos quais 93,1% eram homens. Os adolescentes apresentaram pouco conhecimento sobre questões relacionadas à fertilidade e concepção. As mulheres tiveram proporções mais altas de respostas corretas. Quase todos os adolescentes de ambos os sexos disseram conhecer algum tipo de contraceptivo (97,4%), sendo o preservativo masculino o método mais referido (cerca de 95,0%). Contudo, as mulheres apresentaram percentuais expressivamente mais altos de conhecimento sobre ampla variedade de métodos anticoncepcionais. Quando avaliadas as relações sexuais dos últimos seis meses, o uso de contracepção foi declarado por 41,0% dos alunos e 56,1% das alunas, sendo que a imprevisibilidade das relações foi para ambos os sexos o motivo citado mais frequentemente para não usá-los.

Entre os estudantes com iniciação sexual, os fatores associados positivamente ao uso consistente de contraceptivos pelos rapazes incluíram a iniciação sexual mais tardia, com parceria estável, contar com a família como fonte potencial de contraceptivos e acesso a serviços de saúde; entre as moças, ter iniciado a vida sexual há pouco tempo e ter o pai como fonte de informação sobre sexualidade, contracepção e prevenção DST/AIDS. A gravidez foi relatada por 6,4% dos rapazes e 18,1% das moças, sendo sua ausência associada ao uso consistente de contraceptivos por elas.

Conclusões

Os resultados confirmam a complexidade da determinação do comportamento contraceptivo entre adolescentes e a necessidade de que os programas educativos incorporem as múltiplas dimensões da questão para que tenham efetividade.

ESTUDO 05**Título**

Conhecendo o perfil dos adolescentes que participam de dinâmicas de grupos como forma de conhecer a sexualidade.

Autoras: Liane T. Schuh Pauli , Luciana Cristina Pereira , Janine Koepf

Fonte: Boletim da Saúde, v. 17, n. 1, 2003

Nacionalidade das autoras : Brasileira

Fonte (x) LILACS () Scielo ()Nescon

Ano da publicação 2003

Título

Conhecendo o perfil dos adolescentes que participam de dinâmicas de grupos como forma de conhecer a sexualidade.

Objetivo

Traçar o perfil dos Adolescentes participantes do Projeto de Extensão: Grupo de Adolescentes, bem como emergir dados que circundam esse adolescente, tais como: com quem vivem os tipos mais comuns de diversões, assuntos de seus interesses, dúvidas mais frequentes.

Metodologia

Estudo exploratório descritivo com análise quantitativa e qualitativa.

Tipo de coleta de dados

Os sujeitos da pesquisa foram adolescentes na faixa etária entre 11 a 19 anos. A pesquisa foi realizada entre os meses de junho de 1998 a junho de 2002, totalizando um montante de 678 questionários aplicados. Esses questionários foram agrupados e transformados em codificações gráficas, sendo depois analisados e interpretados.

Resultados/Discussão

Uma das formas de diversão mais exercidas é a de "sair com os amigos". A sexualidade está culturalmente expressa, quando os adolescentes apontam "namorar" como uma forma de diversão (17%), sendo que alternativas, como "dançar", "sair com os amigos" e "passear", demonstram a necessidade desses adolescentes de viver em grupo. Os adolescentes valorizam muito a "amizade" como uma das formas de relacionamento - 33% dos entrevistados confirmam isso. "Ficar" como modo de relacionamento menos comprometido foi enfatizado por 25% dos pesquisados. Em relação ao interesse sobre o corpo (anatomia e fisiologia) 34% dos adolescentes possuem interesse em conhecer as partes do corpo e como elas funcionam, sendo que 22% prefere conhecer o corpo por dentro e 13%, o corpo por fora. O que mais chama atenção nas respostas a essa questão é que 20% acha mais importantes conhecer o corpo da mulher e 9% refere ser importante conhecer o corpo do homem. Quando questionados sobre o significado do adolescer, 19% se referiram à falta de compreensão, tanto na escola como essencialmente em casa; 22% apontaram a música como forma de liberdade. A influência televisiva foi constatada em 16%, 15% relata "poder ficar sozinho" e a rebeldia foi admitida por 8% deles.

A sexualidade é expressa nas alternativas: aborto, com 7%; gravidez, 11%; cuidados com o corpo, 12%; AIDS, 10%. A gravidez e a AIDS demonstram a preocupação crescente dos adolescentes com esses assuntos. As drogas são assunto de interesse de 10% deles - acreditamos que a conscientização e o conhecimento possivelmente os afastarão delas. Os problemas com pais e agressividade somam 13 % das respostas.

Conclusões

Hoje o adolescente busca um viver mais livre, que se expressa pela afetividade, sexualidade e diversão. Assuntos de interesse se mesclam com aqueles relativos aos da sua idade e aos da fase adulta. O adolescente é um ser complexo, que necessita de intervenção direta dos profissionais da saúde. O enfermeiro tem como uma das funções básicas a educação em saúde, onde a necessidade de atuação se apresenta nas Unidades Básicas de Saúde, em programas próprios dirigidos a adolescentes, na forma de reuniões de grupos, consultas de enfermagem, intervenções preventivas e acompanhamento no uso de anticoncepcionais. A intensificação de ações relativas à adolescência, que vem somar, nesse viés, encontra nas escolas seu maior ponto de apoio, onde, não saindo de sua rotina, o adolescente possa discutir assuntos relacionados à sexualidade com seus pares e professores, em grupos continuados de apoio ou relacionados às aulas de biologia, necessitando assim de conscientização e capacitação para uma atuação mais efetiva dos próprios professores e orientadores educacionais. Os pais têm papel fundamental nesse período.

ESTUDO 06

Título

Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde.

Autores: Rozana Aparecida de Souza, Elaine Reis Brandão

Fonte da publicação: Ciência e Saúde Coletiva, Vol. 14, Núm. 2, 2009, pp. 661-670

Nacionalidade das autoras: Brasileira

Fonte (x) LILACS () Scielo () Nescon

Ano da publicação 2009

Título

Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde.

Objetivo

Abordar os “momentos de vulnerabilidade” na utilização de métodos contraceptivos nas relações afetivo-sexuais na adolescência e juventude.

Metodologia

Pesquisa socioantropológica. O material reúne 17 entrevistas, semi-estruturadas, com jovens de 18 a 24 anos do município do Rio de Janeiro, que haviam tido pelo menos um episódio de gravidez na adolescência no ano de 2000.

Tipo de coleta de dados

O material analisado reúne dezessete entrevistas em profundidade, semi estruturadas, com jovens de 18 a 24 anos (nove moças e oito rapazes)

Resultados/Discussões

Entre os oito rapazes entrevistados, relataram que o uso da camisinha está associado às relações esporádicas e/ou mulheres sem consentimento prévio. Quando se trata de namorada ou esposa, a camisinha é substituída pela “confiança”, recorrendo à pílula para evitar a gravidez. Entre as nove mulheres, a prática da contra concepção é mais internalizada no cotidiano após as primeiras relações ou após a gravidez. Dentre os métodos utilizados pelas entrevistadas, o coito interrompido e a injeção foram mencionados e a camisinha utilizado somente com o aval do companheiro. Entre os homens entrevistados, apenas um relata ter pensado que poderia engravidar na primeira relação sexual, mas isso não o levou a prevenir. Entre as mulheres a grande maioria pensou que poderia engravidar na primeira relação, mas nenhuma usou o método contraceptivo. Entre os jovens entrevistados, há um conhecimento internalizado sobre a relação entre o sexo e os riscos de

contrair alguma DST/HIV, mas a incorporação de medidas contraceptivas e de proteção às DSTs não acontece. Há um descompasso entre informação e o exercício sexual. Os adolescentes relatam que as informações sobre sexo são obtidas através dos amigos, revistas, TV e palestras nas escolas. Há poucos relatos sobre conversas com mães e pais sobre esse tema. Este mesmo distanciamento foi notado nos serviços de saúde, pois os profissionais de saúde nem sempre estão habilitados para atender a demanda desse público. Diante dos desafios enfrentados pelos serviços de saúde na atenção aos adolescentes, foi necessária a construção de políticas públicas voltadas para suas necessidades (PNASAJ), com intuito de promover mudanças na assistência, prevenção e promoção da saúde dos adolescentes e jovens. As unidades de saúde devem reservar um horário e espaço adequado para esse público jovem, tendo sua intimidade preservada, propiciando momentos de trocas de experiências e ampliação de seus conhecimentos. Mostram que existem descontinuidades no uso dos métodos contraceptivos, tendo em vista que os relacionamentos entre adolescentes são marcados por forte hierarquia de gênero e pela ausência de uma formação adequada sobre sexualidade no contexto familiar e escolar. Há pouco espaço para o acolhimento dos jovens nos serviços de saúde e escolas, impedindo que as questões sobre sexualidade sejam tratadas de maneira a sensibilizá-los. Há também barreiras culturais que dificultam uma abertura maior da sociedade para que o tema seja abordado de maneira menos preconceituosa, tornando a iniciação sexual um processo repleto de silêncios e reprovação moral.

Conclusões

Foi observado que o contexto do relacionamento é um elemento determinante no uso ou não de preservativo pelos adolescentes. Foi encontrada também forte associação

Entre o uso do preservativo e o sentimento de confiança na/o parceira/o, ou o tempo de duração da relação. A iniciação sexual em nenhum dos casos foi pautada por conhecimentos prévios e preparo do casal, destacando o não uso de qualquer método por todos os entrevistados na primeira relação. Além disso, observou-se falta de diálogo com os pais, precárias iniciativas de

formação em sexualidade, gênero e saúde reprodutiva nas escolas e falta de espaço nas unidades de saúde para o acolhimento dos jovens. “Esta lacuna acaba sendo compensada através de revistas, televisão e troca de informações com amigos”.

ESTUDO 07

Título

Características reprodutivas de mulheres de 15 a 49 anos: estudos comparativos e planejamento de ações.

Fonte da publicação: Rev. Saúde Pública vol.33 n.1 1999

Autoras: Maria Teresa A. Olinto e Loren W. Galvão

Nacionalidade das autoras: Brasileira

Fonte (X) LILACS () Scielo () Nescon

Ano da publicação 1999

Título

Características reprodutivas de mulheres de 15 a 49 anos: estudos comparativos e planejamento de ações.

Objetivo

Oferecer subsídios para o planejamento de ações do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher.

Metodologia

Foi realizado um estudo transversal de base-populacional com uma amostra de 3.002 mulheres de 15 a 49 anos residindo na zona urbana da cidade de Pelotas, RS.

Tipo de coleta de dados

As informações socioeconômicas, demográficas e reprodutivas foram obtidas

através de um questionário estruturado. A análise foi realizada através da comparação estatística de médias e proporções. Na análise da esterilização os dados foram controlados para a idade

Resultados

Cerca de 56% das mulheres eram casadas/em união e 35% solteiras. Um terço das mulheres eram donas-de-casa e 50% tinham trabalho remunerado. Cerca da metade das adolescentes tinham vida sexual ativa, e dessas, 33% já tinham estado grávidas. Observou-se elevado percentual de gravidez indesejada principalmente entre as jovens. O número médio de filhos entre as mulheres de 45 a 49 anos - final da vida reprodutiva - foi de 2,4. Os métodos contraceptivos mais prevalentes foram a pílula e a esterilização. Entre as mulheres casadas/em união, 15% estavam esterilizadas. Cerca de 25% das mulheres acima de 35 anos haviam feito ligadura tubária. Entre as mulheres esterilizadas, 29,6% tinham tido perda fetal e 18,3% haviam tido pelo menos um filho prematuro. Entre o total de maridos/companheiros, 20% não aceitavam o uso de pelo menos um método contraceptivo.

Conclusões

Os resultados confirmam a necessidade de uma maior atenção e desenvolvimento de programas especiais para adolescentes, de melhorias no acesso aos serviços, de expansão do uso das opções anticoncepcionais disponíveis e de ações programáticas e pesquisas sobre o tema “homem/saúde reprodutiva”.

Estudo 08

Título

O conflito entre o consciente e o inconsciente na gravidez não Planejada

Fonte da publicação : Psychê — Ano X — nº 19 —/2006 — p. 149-167

Autores: Miriam Tachibana; Laíse Potério Santos; Claudia Aparecida Marchetti Duarte
Nacionalidade dos autores: Brasileira
Fonte (x) LILACS () Scielo () Nescon
Ano da publicação 2006
Objetivo Investigar os motivos latentes na gravidez não planejada
Metodologia Este estudo contou com a participação de doze gestantes, pacientes de um hospital maternidade. O instrumento utilizado foi a entrevista psicológica, segundo o método clínico psicanalítico, levando-se em consideração os atos falhos, lapsos, chistes, eventuais relatos de sonhos e, inclusive, os sentimentos de contratransferência da pesquisadora.
Tipo de coleta de dados O procedimento de coleta aconteceu em dois encontros, com cada uma das participantes, sendo que as informações foram analisadas qualitativamente. Após a transcrição das vinte e quatro entrevistas relativas às doze pacientes, o material foi submetido à análise interpretativa. A abordagem teórica escolhida foi a psicanalítica, porque de acordo com Pinto e Vaisberg (2001), tal abordagem permite justamente que se tenha acesso aos fenômenos inconscientes.
Resultados Todas as participantes engravidaram por algum descuido em relação ao uso de métodos contraceptivos. Todas referiram ter deixado de usar, por iniciativa própria, métodos contraceptivos, o que revela o desejo em engravidar. Todas as participantes trouxeram sentimentos ambivalentes em relação à gravidez. Pôde-se observar que quatro pacientes trouxeram mais declaradamente a fantasia de que, com o evento da gestação, o relacionamento amoroso com os respectivos companheiros viria a se concretizar. Observou-se que cinco

pacientes trouxeram, como motivo inconsciente em engravidar, uma associação aos seus estados de saúde. Cada uma delas apresenta uma problemática em seu estado geral de saúde, o que faz com que se levante a hipótese de que tais pacientes estariam, em nível intrapsíquico, imersas em pulsão de morte. Seguindo esta lógica, pode-se pensar no quanto tais gravidezes inconscientemente lhes representariam pulsão de vida, e até mesmo um atestado de saúde, de normalidade, de vida. Observou-se que em duas pacientes, o desejo em gestar esteve associado à temática da sexualidade. Ocorreu também a dificuldade da vivência da gestação devida aos conflitos no relacionamento conjugal. Apenas duas participantes manifestaram mais evidentemente dificuldades em aceitar a gravidez devido a conflitos familiares que daí decorreu. Pode-se pensar que elas tiveram tais dificuldades prioritariamente pelo fato de ambas serem adolescentes. Observou-se que seis participantes trouxeram conflitos manifestos acerca de seu estado de saúde com a gravidez, ou ainda, do estado de saúde do bebê na gestação. Cinco participantes referiram dificuldades em aceitar a gestação não planejada, em detrimento de seus projetos profissionais.

Conclusões

A despeito de todas as categorias que foram elaboradas no intuito de se diferenciar os diversos motivos inconscientes pela ocorrência da gestação, pôde-se notar que todas as motivações correspondiam basicamente ao desejo de vida e de esperança dessas mulheres. Independentemente se suas frustrações relacionavam-se à esfera conjugal, familiar, de saúde, todas as participantes buscavam inconscientemente, por meio de suas gestações, instinto de vida em alguma esfera mais “adoecida” de suas vidas.

Estudo 09
<p>Título</p> <p>Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado</p>
<p>Fonte da publicação : Ciênc. saúde coletiva vol.8 no.2, 2003</p>
<p>Autores: Leila Sollberger Jeolás; Rosângela Aparecida Pimenta Ferrari.</p>
<p>Nacionalidade do autor : Brasileira</p>
<p>Fonte <input type="checkbox"/> LILACS <input checked="" type="checkbox"/> SciELO <input type="checkbox"/> Nescon</p>
<p>Ano da publicação 2003</p>
<p>Objetivo</p> <p>Analisar os dados dos questionários aplicados aos adolescentes que participaram do projeto e suas respostas ao instrumento de avaliação das oficinas para trazer subsídios ao debate sobre a necessidade de se desenvolver projetos de prevenção e de promoção à saúde do adolescente, evidenciando os alcances e os limites da metodologia utilizada.</p>
<p>Metodologia</p> <p>Análise dos dados obtidos por meio de dois instrumentos de avaliação utilizados pelo projeto: um questionário com questões abertas e fechadas sobre conhecimentos, atitudes e práticas relacionados à sexualidade, saúde reprodutiva, DST e Aids, aplicado a cada grupo de adolescentes que participou dos blocos de quatro oficinas; e um roteiro de questões abertas sobre a opinião dos adolescentes acerca das técnicas utilizadas nas oficinas e o desempenho. Os dados foram interpretados por meio de abordagem qualitativa, a partir da análise de conteúdo (Bardin, 1977).</p>
<p>Tipo de coleta de dados</p> <p>Questionário</p>

Resultados/Discussões

A análise dos dados demonstrou que o uso de metodologia participativa no projeto de extensão criou um espaço de discussão e de construção de conhecimento compartilhado entre os adolescentes, profissionais do serviço, professores e alunos. A partir da análise de conteúdo (Bardin,1977; Minayo, 1993), pode-se depreender das respostas dos adolescentes três categorias temáticas organizadas a partir do conjunto das falas: a] espaço de reflexão ,os adolescentes enfatizaram a metodologia participativa das oficinas propiciadora de auto-reflexão sobre os assuntos debatidos, as dinâmicas utilizadas, a postura dos educadores como ouvintes e interlocutores, e o prazer de discutir, compartilhar e aprender b] relações de gênero - Os adolescentes apresentaram diferenças na forma como pensam e vivenciam sua sexualidade e nos valores a ela atribuídos, condizentes com as diferenças existentes na cultura sexual brasileira, que prioriza o papel ativo para o sexo masculino e o papel passivo para o sexo feminino; conhecimentos e sentimentos e c] Conhecimentos e sentimentos - os adolescentes demonstraram conhecimento básico sobre formas de transmissão e de prevenção das DST e Aids e sobre métodos contraceptivos. Quanto ao método contraceptivo indicado para adolescentes, 32% dos garotos e 31% das garotas citaram a camisinha masculina, 37% dos garotos e 24% das garotas citaram a camisinha feminina, e 35% dos garotos e 25% das garotas, as pílulas e injeções. As DST conhecidas mais citadas foram gonorreia, sífilis e AIDS. Quanto à forma de se evitar DST e AIDS, 86% das garotas e 73% dos garotos referiram-se à camisinha.

Considerações finais/conclusões

Dentre as maiores dificuldades encontradas, destacamos a falta de continuidade das ações de prevenção desenvolvidas pelo serviço de saúde, a partir de um projeto de prevenção. As ações deveriam ser contínuas e articuladas interinstitucionalmente, por exemplo, capacitando os profissionais das entidades sociais (escolas, entidades e programas sociais) que encaminham os adolescentes para as oficinas no serviço de saúde, com o

intuito de formar multiplicadores em seus locais de trabalho, para que eles deem prosseguimento às ações de prevenção, baseadas em metodologia participativa, em suas próprias instituições de origem. Dessa forma, os adolescentes seriam acompanhados e poderiam receber também formação para atuarem como multiplicadores junto a seus pares.

Estudo 10

Título

RISCOS E VULNERABILIDADES RELACIONADOS À SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Fonte da publicação: Rev. Enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2010 jul./set; 18(3): 456-61.

Autores: Fernanda Lima Aragão Dias, Kelanne Lima da Silva, Neiva Francenely Cunha Vieira, Patrícia Neyva da Costa Pinheiro, Carlos Colares Maia

Nacionalidade dos autores : Brasileira

Fonte (x) LILACS () Scielo ()Nescon

Ano da publicação 2010

Objetivo

Objetivou-se relatar os efeitos das ações de educação em saúde junto à escola.

Metodologia

Trata-se de pesquisa qualitativa, tendo como base a pesquisa-ação

Tipo de coleta de dados

Os dados foram coletados durante o mês de outubro de 2007, mediante a

realização de quatro oficinas de grupo focal, que trabalharam os temas sugeridos pela diretoria da escola e apontados pelos adolescentes como pertencentes a sua área de interesse. Os sujeitos da pesquisa foram 25 adolescentes na faixa etária de 14 a 20 anos de idade.

Resultados e Discussões

Os dados foram organizados em quatro categorias temáticas. São elas: o conhecimento e acesso a medidas preventivas, fatores que interferem no uso do preservativo masculino, as consequências de uma gravidez não planejada na adolescência e o entendimento dos adolescentes a respeito das DSTs/AIDS. A camisinha é o meio mais conhecido, apesar de ser utilizada erroneamente e de modo irregular. O fator predisponente ao não uso da camisinha é a interferência causada por esse método no prazer durante a relação sexual. Trabalhar o uso do preservativo, por ser ele o mais eficaz para prevenir DST/AIDS e gravidez deve ser priorizado, pois por seu intermédio, também se evita indiretamente a prática do aborto.

Conclusões

Conclui-se que as estratégias de educação em saúde devem ser direcionadas para os adolescentes com a finalidade de propiciar a reflexão crítica dos alunos sobre as questões de risco e vulnerabilidades relacionadas ao comportamento sexual, a escola é um ambiente favorável para a prática de educação em saúde com adolescentes e a parceria entre escola e profissionais de saúde, notadamente o enfermeiro, pode contribuir para o empoderamento desses indivíduos na realização de medidas preventivas e, conseqüentemente, na efetivação de ações que possibilitem a redução da vulnerabilidade desses adolescentes às DST e gravidez não planejada.

Estudo 11

Título

Prevenção da reincidência de gravidez em adolescentes: efeitos de um Programa de Planejamento Familiar*

Fonte da publicação: Acta paul. enferm. vol.19 no.2 São Paulo Apr./June 2006
Autores: Luciana Mendes Berlofi; Eloisa Luci Cardoso Alkmin; Márcia Barbieri; Cristina Aparecida Falbo Guazzelli; Fabio Fernando de Araújo
Nacionalidade dos autores: Brasileira
Fonte <input type="checkbox"/> LILACS <input checked="" type="checkbox"/> Scielo <input type="checkbox"/> Nescon
Ano da publicação 2006
<p>Objetivo</p> <p>Avaliar os efeitos de um programa educativo e assistencial frente à reincidência de gestação em adolescentes.</p> <p>Metodologia</p> <p>Estudo descritivo e retrospectivo, realizado no setor de Planejamento Familiar da Universidade Federal de São Paulo a partir de dados coletados em 264 prontuários de adolescentes que tinham como antecedente ao menos uma gravidez anterior à matrícula.</p> <p>Tipo de coleta de dados</p> <p>Dados coletados em 264 prontuários de adolescentes que tinham como antecedente ao menos uma gravidez anterior à matrícula.</p> <p>Resultados</p> <p>Os dados revelam que a menarca ocorreu, em média, aos 12,2 anos, a sexarca aos 15 e a primeira gravidez um ano após. Ao se matricularem no programa 73,5% possuíam uma gestação e 2% duas. O CONDOM e os hormonais foram os contraceptivos mais utilizados. A reincidência de gravidez foi observada em 4,9% das adolescentes</p>

Conclusões

Os dados encontrados reforçam a importância do oferecimento de programas de planejamento familiar, que englobem a educação e a assistência com oferta do método contraceptivo, voltados a adolescentes.

ESTUDO12**Título**

Oficinas sobre sexualidade na adolescência; revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio.

Autores: SOARES, S.M. et. al

Fonte da publicação: Esc. Anna Nery Rev. 2008 set; 12 (3): 485-91

Fonte ()LILACS (x) Scielo()NESCON

Ano da publicação 2008

Objetivo

Compreender como os adolescentes de um município do norte de Minas vivem e exercitam sua sexualidade.

Metodologia

Abordagem qualitativa

Tipo de coleta de dados.

O estudo foi desenvolvido por meio de 12 oficinas lúdico pedagógicas. Os sujeitos do estudo compreendem 350 adolescentes na faixa etária de 15 a 19 anos, estudantes do ensino médio de uma escola estadual de um município do norte de minas. Realizado no período de set/dez 2005 com a participação de professores, diretores e alunos. As oficinas foram introduzidas por meio de jogos educativos denominados: "Caixa surpresa"; "Roleta: amizade, ficar,

namoro”; “Jogo - Iniciação sexual: o que penso sobre isto?”; “Dinâmica - Contatos Pessoais”; “Baralho - Negociando o uso da camisinha”; “Bingo - Sorteio de métodos contraceptivos”.

Análise dos dados

Os dados coletados foram agrupadas e analisadas de acordo com a técnica de análise de Conteúdo proposta por Bardin.

Resultados

O conceito de sexualidade limita-se às relações sexuais entre duas pessoas de sexo oposto. Os alunos enfatizaram o risco de uma gravidez indesejada e reconheceram a importância do uso de métodos contraceptivos. Os dados deste estudo evidenciam as representações dos adolescentes sobre os seguintes temas: sexualidade, virgindade, casamento, idade para início da vida sexual, relações de gênero, relações afetivo-sexuais, informações sobre sexualidade, maternidade na adolescência e métodos contraceptivos. Todos os temas revelados na oficina são diferentemente conceituados pelos meninos e meninas. Por exemplo, para os adolescentes a sexualidade está quase sempre limitada às relações sexuais entre duas pessoas de sexo oposto. Ao mesmo tempo, os alunos enfatizaram o risco de uma gravidez indesejada e reconheceram a importância do uso de métodos contraceptivos. Destaca-se, ainda, a associação entre sexualidade e conflitos entre pais e filhos durante a adolescência. As questões de gênero apareceram de forma clara e, às vezes, subentendidas nos discursos dos adolescentes, apontando para sua influência na formação de identidade feminina e masculina, nos relacionamentos afetivos e no exercício da sexualidade.

Conclusões

As oficinas propiciaram um ambiente favorável para discussão de mudanças de atitude pelos adolescentes por meio da informação, reflexão e expressão de ideias e sentimentos, representando um processo a ser complementado pela família, escola e políticas sociais locais. Elas são oportunidades para empoderar os adolescentes para que eles possam fazer suas escolhas de

forma consciente, autônoma e cidadã.

ESTUDO 13

Título

OFICINAS EDUCATIVAS EM SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE:
A ESCOLA COMO CENÁRIO.

Autores: Rodrigues MGS, Cosentino SF, Rossetto M, Maia KM, Pautz M,
Silva VC

Fonte da publicação: Enfermería Global Nº 20 Outubro 2010 Página 2

Nacionalidade dos autores : Brasileira

Fonte (x) LILACS () Scielo ()Nescon

Ano da publicação 2010

Objetivo

Sensibilizar os adolescentes à transformação da realidade social através de ações educativas voltadas à saúde sexual e reprodutiva, de forma responsável e saudável, minimizando vulnerabilidades e agravos à saúde.

Metodologia

A metodologia adotada foi o referencial do Círculo da Cultura de Paulo Freire. Para operacionalização das atividades foram organizadas e implementadas oficinas temáticas, teatros, dinâmicas, apresentação de vídeos e discussão em grupo, sendo utilizados recursos didáticos como: figuras, cartazes, álbum seriado, fitas de vídeo, kit de métodos contraceptivos, recortes, colagens e

desenhos. Optou-se por este tipo de atividade por acreditar-se que a forma lúdica é um facilitador do aprendizado. Foram realizados cinco encontros quinzenais com estudantes de duas turmas de 8ª série, com temas que abordaram: anatomia e fisiologia do corpo na adolescência; o significado da palavra “ficar” e namorar, masturbação e conhecimento do corpo; métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis (DST/AIDS); gravidez na adolescência, maternidade e paternidade responsável.

Resultados

Ao término dos encontros educativos os estudantes demonstraram conhecer melhor os métodos contraceptivos e o mais indicado para sua faixa etária; as DST/AIDS e formas de preveni-las; a importância de ter sua primeira relação sexual com responsabilidade e cuidado de si e do (a) parceiro (a) e a prevenção de gravidez não planejada.

Conclusões

O projeto possibilitou o desenvolvimento de um trabalho educativo positivo de valorização humana, considerada uma intervenção pedagógica adequada pelos adolescentes, professores, docentes intencionistas e acadêmicas de enfermagem. Concluiu-se que esse processo de educação em saúde configurou-se um espaço para reflexão e construção de conhecimento compartilhado, estimulando a participação ativa e tornando-os sujeitos de mudanças..

ESTUDO 14

Título

Oficinas sobre sexualidade na adolescência; revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio.

Autores: SOARES, S.M. et. al

Fonte da publicação: Esc. Anna Nery Rev. 2008 set; 12 (3): 485-91.

Fonte (X)LILACS () Scielo()NESCON
Ano da publicação 2008
Objetivo Compreender como os adolescentes de um município do norte de Minas vivem e exercitam sua sexualidade.
Metodologia Abordagem qualitativa
Tipo de coleta de dados. O estudo foi desenvolvido por meio de 12 oficinas lúdico pedagógicas. Os sujeitos do estudo compreendem 350 adolescentes na faixa etária de 15 a 19 anos, estudantes do ensino médio de uma escola estadual de um município do norte de Minas. Realizado no período de set/dez 2005 com a participação de professores, diretores e alunos. As oficinas foram introduzidas por meio de jogos educativos denominados: “Caixa surpresa”; “Roleta: amizade, ficar, namoro”; “Jogo - Iniciação sexual: o que penso sobre isto?”; “Dinâmica - Contatos Pessoais”; “Baralho - Negociando o uso da camisinha”; “Bingo - Sorteio de métodos contraceptivos”.
Análise dos dados Os dados coletados foram agrupadas e analisadas de acordo com a técnica de análise de Conteúdo proposta por Bardin.
Resultados O conceito de sexualidade limita-se às relações sexuais entre duas pessoas de sexo oposto. Os alunos enfatizaram o risco de uma gravidez indesejada e reconheceram a importância do uso de métodos contraceptivos. Os dados deste estudo evidenciam as representações dos adolescentes sobre os seguintes temas: sexualidade, virgindade, casamento, idade para início da vida sexual, relações de gênero, relações afetivo-sexuais, informações sobre

sexualidade, maternidade na adolescência e métodos contraceptivos. Todos os temas revelados na oficina são diferentemente conceituados pelos meninos e meninas. Por exemplo, para os adolescentes a sexualidade está quase sempre limitada às relações sexuais entre duas pessoas de sexo oposto. Ao mesmo tempo, os alunos enfatizaram o risco de uma gravidez indesejada e reconheceram a importância do uso de métodos contraceptivos. Destaca-se, ainda, a associação entre sexualidade e conflitos entre pais e filhos durante a adolescência. As questões de gênero apareceram de forma clara e, às vezes, subentendidas nos discursos dos adolescentes, apontando para sua influência na formação de identidade feminina e masculina, nos relacionamentos afetivos e no exercício da sexualidade.

Conclusões

As oficinas propiciaram um ambiente favorável para discussão de mudanças de atitude pelos adolescentes por meio da informação, reflexão e expressão de ideias e sentimentos, representando um processo a ser complementado pela família, escola e políticas sociais locais. Elas são oportunidades para empoderar os adolescentes para que eles possam fazer suas escolhas de forma consciente, autônoma e cidadã.

ESTUDO 15

Título

Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção

Fonte da publicação: Ciênc. saúde coletiva vol.14 nº 3, 2009.

Autores: Eliana Ágatha Iakmiu Camargo; Rosângela Aparecida Pimenta Ferrari

Fonte (x) LILACS () Scielo ()Nescon
Ano da publicação 2009
Objetivo O objetivo da pesquisa foi analisar o conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade, métodos contraceptivos, gravidez, DST e AIDS, antes e após oficinas de prevenção.
Metodologia Pesquisa quantitativa
Tipo de coleta de dados Participaram 117 adolescentes da 8ª série de uma escola estadual de Londrina, Paraná. Foi utilizado um questionário (pré e pós-teste) para identificar a diferença do conhecimento dos adolescentes. Para a análise dos dados, usaram-se os testes quiquadrado e exato de Fischer. A faixa etária concentrou-se entre 14 e 16 anos.
Resultados Os resultados revelaram o conhecimento dos meninos e meninas, antes e após a participação nas oficinas sobre os seguintes temas: a) localização do clitóris no corpo feminino (atingiu 50% após as oficinas); b) masturbação – a maioria considera uma forma saudável de conhecer o corpo; c) início da vida sexual – os garotos, muito mais que as garotas, já tinham iniciado a vida sexual, d) conhecimento sobre MAC, gravidez e DST. Aproximadamente 50% dos meninos e meninas conhecem a pílula e a camisinha. O conhecimento em relação ao período fértil da menina foi bem maior entre elas do que entre eles, tanto no pré, quanto no pós-teste. A resposta correta no pós-teste foi de 41,5% para os meninos e 66,7% para as meninas. Em relação às DST's, ambos apresentaram melhora no conhecimento após a oficina, pois incluíram outras DST's, tais como: sífilis, herpes genital, hepatite e HPV, além da AIDS (a mais conhecida).

Conclusões

Conclui-se que há necessidade de trabalho sistemático, a médio e longo prazo, sobre sexualidade na escola para os adolescentes. A oficina parece ter ampliado o conhecimento dos adolescentes mesmo por ter sido realizada em apenas dois encontros. Portanto, pode-se vislumbrar que este método em forma de oficina favorece espaço de discussão, de troca de experiências pessoais e do grupo, partindo da realidade para a reflexão e o debate de suas próprias práticas. Com isso, pretende-se formar adolescentes multiplicadores do conhecimento. Para isso, contudo, há necessidade da continuidade das ações de prevenção desenvolvidas nesta pesquisa, envolvendo assim as instituições de ensino também.

Os resultados deste trabalho são difíceis de serem avaliados em curto prazo; no entanto, almeja-se contribuir com a melhora do nível de conhecimento desses sujeitos, possibilitando assim a adesão de práticas sexuais seguras, evitando-se a gravidez não planejada, assim como as DST/AIDS.

ESTUDO 16

Título

Efetividade das ações voltadas à diminuição da gravidez não planejada na adolescência: revisão da literatura.

Fonte da publicação: Rev. Bras. Saúde Mater. Infant. vol.10 no. 4. 2010

Autoras: Ana Silvia Moccellin; Larissa Riani Costa; Aline Martins de Toledo; Patrícia Driusso.

Nacionalidade das autoras: Brasileira

Fonte (x) LILACS () Sacielo () Nescon

Ano da publicação 2010

Objetivo

Identificar os estudos nacionais e estrangeiros que investigaram a efetividade de ações estratégicas e de programas voltados à redução da gravidez na adolescência.

Metodologia

Revisão integrativa da literatura..

Tipo de coleta de dados

O estudo foi realizado entre maio de 2008 e junho de 2009 e incluiu publicações disponíveis nas bases de dados eletrônicas Medline, Scielo e Lilacs. Foram levantados artigos publicados de 1997 a 2009, utilizando as seguintes palavras-chave: gravidez, adolescência, intervenção, prevenção e avaliação e seus correspondentes termos na língua inglesa.

Resultados

Foram identificadas 671 citações na pesquisa às bases de dados, das quais apenas nove foram consideradas apropriadas e utilizadas na análise deste artigo. Os 9 artigos sobre o tema foram classificados em duas abordagens: a) anteriormente ao início das atividades sexuais ou na fase inicial da vida sexual ativa; e b) durante ou após a gestação de mulheres adolescentes, para prevenir a reincidência de uma gravidez. Quanto ao tipo de intervenção, os estudos avaliaram tanto as ações que promoviam a abstinência sexual, as quais visavam principalmente o adiamento do início da vida sexual e não incluíam abordagem de métodos de contracepção disponíveis e suas formas de utilização, quanto àqueles que se enquadravam como ações de educação sexual compreensiva, as quais abordavam temas da sexualidade na adolescência, incluindo contracepção, negociação do uso de métodos preventivos com o parceiro e autonomia para a decisão da paternidade/maternidade. Em relação a impacto das intervenções na ocorrência de gravidez na adolescência, aqueles programas cujo conteúdo abordado na intervenção (programas de abstinência versus educação sexual

compreensiva ou prevenção de reincidência de gravidez) que utilizaram a educação sexual compreensiva se mostrou efetivos, enquanto os programas voltados à prevenção de reincidência de gravidez e de abstinência apresentaram, respectivamente, 60% (do total de três estudos) 29,31 e 50% (do total de dois estudos) de efetividade, comparados com grupos controle ou outros grupos de intervenção. Em resumo, as abordagens com impacto para redução da ocorrência de gestações precoces foram: a) educação sexual compreensiva (100% com resultados positivos), prevenção de reincidência de gravidez (60%) e programas de abstinência (50%).

Conclusões

No presente estudo, as intervenções que incluem além das informações sobre abstinência, informações sobre métodos contraceptivos e formas de prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) obtiveram melhores resultados positivos. Apesar de os programas apresentados terem sido focalizados unicamente na população americana, pois foram os que se enquadraram nos critérios de inclusão do presente estudo, observou-se que a utilização de metodologias com abordagens sociais que levam em consideração as diferentes particularidades sócias demográficas e comportamentais dos adolescentes foram pontos relevantes para o sucesso e reconhecimento das intervenções analisadas, pois são estratégias que remetem à reflexão dos adolescentes sobre as escolhas para sua vida futura.

Estudo 17

Título

A estratégia saúde da família e a gravidez na adolescência.

Fonte da publicação :
http://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registro/A_estrategia_saude_da_familia_e_a_gravidez_na_adolescencia/183

Autores: Ana Paula da Costa Lima,

Nacionalidade da autora: Brasileira
Fonte () LILACS () Scielo (x) Nescon
Ano da publicação 2011
<p>Objetivo Propor estratégias para enfrentamento do problema.</p> <p>Metodologia Revisão da literatura</p> <p>Tipo de coleta de dados Estudos publicados no período de 2005 a 2010 e que abordavam o desenvolvimento de ações direcionadas à redução da gravidez na adolescência.</p> <p>Conclusões As Equipes de Saúde da Família tem papel fundamental na redução da gravidez na adolescência devendo conhecer a sua população adolescente; acolhê-los de forma qualificada, propiciando o diálogo aberto e a apreensão dos problemas, angústias e sentimentos dos adolescentes, além de promover ações educativas de forma integrada com as escolas e outros setores importantes para a atenção à saúde dos adolescentes.</p>

ESTUDO 18
<p>Título ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE PARA ADOLESCENTES E JOVENS: VELHOS MITOS E NOVOS DISTANCIAMENTOS</p>
Autores: MALFITANO, A. P. S.; LOPES, R. E.
Fonte da publicação: Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 14, n. 3, p. 110-7, set./dez. 2003.

Nacionalidade dos autores: Brasileira
Fonte () LILACS (x) Scielo ()Nescon
Ano da publicação 2003
<p>Objetivo</p> <p>Conhecer a realidade de uma região periférica no Município de São Carlos, SP, analisando, em uma perspectiva sócio histórica, as políticas e programas de saúde para adolescentes e jovens, buscando conhecer suas diretrizes e ações efetivadas.</p>
<p>Metodologia</p> <p>Consulta a fontes documentais e observação participante</p>
<p>Tipo de coleta de dados</p> <p>Consulta a fontes documentais e realização de vinte entrevistas semi-estruturadas com: gestores, coordenadores e técnicos de serviços de atenção básica em saúde, coordenadores de equipamentos sociais de outros setores e jovens que vivem na região. Foi realizada também observação participante a partir do acompanhamento de projetos de ensino, pesquisa e extensão realizada na região.</p>
<p>Análise dos dados</p> <p>O material coletado foi analisado qualitativamente na perspectiva de levantamento de categorias abordadas pelos diferentes atores que estão em campo, buscando chaves de leitura sobre a juventude em interface com a saúde.</p>
<p>Resultados</p> <p>Os jovens não acessam os serviços de saúde básica e os equipamentos oferecem</p> <p>Poucas alternativas de cuidado, principalmente, de atenção aos aspectos de vulnerabilidade social e complexidades contemporâneas. Os técnicos poucos</p>

veem as reais demandas dos jovens, repetindo demandas antigas de atenção, que se afastam das reais necessidades da população. São escassas as estratégias de Atenção a este grupo, afastando-se dos preceitos previsto pelo Ministério da Saúde.

São poucas as ações realizadas com foco para essa população, reproduzindo uma tendência histórica na qual os adolescentes e jovens são, tradicionalmente, uma população invisível para os serviços de saúde. Para os gestores e profissionais, as principais demandas em relação à adolescência com interface com a atenção básica em saúde são: gravidez, drogadição, questões em torno das concepções; sobre o conceito de adolescência e articulação da rede de saúde com os demais serviços sociais destinados a essa população. O tema da gravidez na adolescência é prioritário para os gestores e profissionais entrevistados. O uso de drogas foi a segunda preocupação apresentada pelos profissionais e gestores. Na opinião de uma enfermeira local, a atenção básica em saúde não se encontra estruturada para receber adolescentes e jovens usuários de álcool e outras drogas, uma vez que os casos fogem à “governabilidade” (sic) dos serviços que não contam com diretrizes específicas para esse grupo populacional, remetendo-os ao nível secundário ambulatorial. Há consenso entre os profissionais sobre a importância das ações preventivas, porém pouco se faz com relação a esse tipo de intervenção dentro das USFs estudadas. Há oferta de preservativo, porém os jovens não consideram esta via de acesso adequada, pois o acesso é dificultado e não garante privacidade alguma. Menciona-se também a necessidade de ultrapassar a abordagem às demandas pontuais colocando a sexualidade como pauta dos atendimentos, entretanto não existe nenhuma estratégia com a população juvenil a fim de discutir o tema, salvo em poucas parcerias das USFs com as escolas.

Conclusões

As demandas dos adolescentes acolhidas nas Unidades de Saúde estão limitadas às situações clínicas específicas, ao pré-natal e alguma demanda espontânea. Além disso, os técnicos pouco veem as reais demandas dos

jóvens, uma vez que têm pouca capacitação para o atendimento a esta população, não criando estratégias de atenção a este grupo, conforme previsto pelo Ministério da Saúde. É preciso que se debruce verdadeiramente sobre a discussão das possibilidades dos serviços de saúde numa abordagem necessariamente intersetorial e interdisciplinar sobre as políticas e serviços destinados à adolescência e à juventude brasileiras para que estes se tornem um grupo prioritário de intervenção.

Estudo 19
Título Adolescência: ações e percepção dos médicos e enfermeiros do Programa Saúde da Família
Fonte Interface (Botucatu) vol.12 no.25 Botucatu Apr./June 2008
Autores: Rosângela Aparecida Pimenta Ferrari; Zuleika Thomson; Regina Melchior.
Nacionalidade das autoras : Brasileira
Fonte () LILACS (x) Scielo ()Nescon
Ano da publicação 2008
Objetivo Caracterizar as ações programáticas, preventivas e de intervenções dos adolescentes e analisar a percepção dos profissionais quanto às práticas de atenção a este grupo etário ,por meio de análise quanti-qualitativa.
Metodologia Investigação descritiva, qualitativa e quantitativa, realizada nas ESF do município de Londrina, Paraná, Brasil, no período de agosto a outubro de 2003. O instrumento de pesquisa contou com questões fechadas e de múltiplas escolhas e 01 questão aberta.

Tipo de coleta de dados

Realizada pesquisa com médicos e enfermeiros das equipes da Saúde da Família do município de Londrina, Paraná, Brasil, no período de agosto a outubro de 2003.

Das 51 Unidades Básicas de Saúde - UBS, cinquenta possuem equipes da Saúde da Família, totalizando 94 equipes, das quais nove na zona rural e 85 na zona urbana. Cada equipe é composta por nove profissionais: um médico, um enfermeiro, dois auxiliares de enfermagem e cinco agentes comunitários de saúde. O instrumento de pesquisa contou com questões fechadas de múltipla escolha, que foram analisadas por meio do programa Epi-Info 6.04d (Dean et al., 1995), e uma questão aberta utilizando-se a Análise de Conteúdo, mais especificamente Análise Temática.

Resultados

Cerca de 97% dos médicos e enfermeiros das equipes da Saúde da Família referem que no serviço de atenção básica de saúde do município não existe um programa específico para os adolescentes, mas precisam atender outros programas municipal e ministerial. Referem-se às ações prestadas a este grupo etário, mas não de forma sistematizada, pois seus atendimentos se esgotam no imediatismo da demanda do serviço, sendo adiado o atendimento ao adolescente. O nº de meninas adolescentes que procuram por exames laboratoriais para confirmar gestação tem aumentado, segundo a fala das enfermeiras. Quanto à frequência do atendimento, a grande maioria dos médicos (80,5%) e pouco mais da metade dos enfermeiros (51,7%) atendem o adolescente diariamente ou quase todos os dias. Com relação às ações programáticas realizadas pelos médicos, pode-se verificar que pouco mais de 20% são no pré-natal e preventivo do câncer uterino, e cerca de 32% no planejamento familiar. Quanto às ações de prevenção, aproximadamente 60% afirmaram realizar orientações sobre DST/AIDS e o uso do preservativo, e, pouco mais da metade, sobre gravidez. Com relação aos enfermeiros cerca de 70% atendem os adolescentes no planejamento familiar, e mais de 70% no pré-natal e preventivo do câncer uterino. Quanto às ações preventivas, mais de 80% referem orientar sobre o uso do preservativo, e cerca de 70% sobre gravidez e DST/AIDS. Além das ações programáticas e preventivas na unidade de saúde, alguns dos

discursos dos enfermeiros referem que a equipe tem realizado atividades com os adolescentes na comunidade e na escola. Entretanto, ainda há que se avaliar a efetividade das ações realizadas por estes profissionais, pois as intervenções preventivas têm sido insuficientes, pois o acesso deste grupo etário se limita na procura espontânea, e quando a faz, geralmente a adolescente está grávida. Evidencia-se que mais de 80% dos profissionais consideram ser prioritário atender o adolescente no serviço de saúde, no entanto apenas 32,5% dos médicos e 41,2% dos enfermeiros referem desenvolver ações de atenção à saúde do adolescente. Além da multidisciplinariedade no trato com o adolescente, os profissionais precisam buscar parcerias com outros setores a fim de obter melhor e maior efetividade nas ações de atenção integral à saúde deste grupo etário.

Conclusões

Os profissionais precisam buscar parcerias com outros setores a fim de obter melhor e maior efetividade nas ações de atenção integral à saúde deste grupo etário. O PSF pode realizar parcerias com as escolas para o desenvolvimento de ações à saúde dos adolescentes, e abordar assuntos como drogas, planejamento familiar, autoestima e etc. Porém isso só será possível através de parcerias bem engajadas entre a Secretaria de Saúde e Educação.

Estudo 20		
Título: A SEXUALIDADE E A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS		
Fonte	da	publicação:
http://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2954.pdf		
Autora: Ligia Araújo de Freitas Pereira		
Nacionalidade dos autores: Brasileira		
Fonte () LILACS () Sacielo(x) NESCON		
Ano da publicação: 2011		

Objetivo

Analisar propostas de atenção aos adolescentes com foco na abordagem e prevenção da gravidez. Identificar o índice de gravidez entre as adolescentes da área de abrangência da equipe de Saúde da Família da Vila São Vicente-Congonhas/MG; Identificar estratégias que possam ser reproduzidas na perspectiva de uma melhor abordagem e de prevenção da gravidez na adolescência.

Metodologia

Pesquisa bibliográfica.

Tipo de coleta de dados

Levantamento junto às Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e identificadas as adolescentes da área de abrangência da equipe que já engravidaram ou estão grávidas e pesquisa bibliográfica.

Resultados

Foram encontradas quatro experiências de projetos de prevenção à gravidez na adolescência, inclusive os projetos do Ministério da Saúde e Educação: 1 - Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes (2003); 2 - Programas Saúde e Prevenção nas Escolas e Programa Saúde na Escola – PSE (2003); 3 - Adolescentes: Conhecimento sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção (2009); 4 - Sexualidade na escola: Proposta educativa para adolescentes (2010).

Conclusões

A adolescência é o período em que o indivíduo inicia sua interação com o mundo de maneira mais autônoma sem, no entanto, ter de assumir as responsabilidades da vida adulta, sendo uma situação de grande ambiguidade (BRASIL, 2008). Para que o trabalho educativo junto ao adolescente seja capaz de transformar os conhecimentos em atitudes e em comportamentos é

Necessário que haja uma articulação entre a família, a escola e as unidades de

saúde (GUIMARÃES *ET al.*, 2003). Neste trabalho foram analisados e discutidos projetos e estratégias de intervenção encontrada na literatura relacionada à prevenção da gravidez na adolescência.

Estudo 21

Título: Adolescência e contracepção de emergência: Fórum 2005.

Fonte da publicação : Rev. paul. pediatr. vol.25 no.2, 2007

Autoras: Maria Ignez Saito; Marta Miranda Leal.

Nacionalidade das autoras: Brasileira

Fonte (X) LILACS () Scielo () Nescon

Ano da publicação 2007

Objetivo

Relatar os resultados do Fórum "Adolescência e Contracepção de Emergência", que teve como proposta trazer maiores esclarecimentos sobre a contracepção de emergência (CE), além de apoio ético e técnico para sua prescrição, a partir da análise de três vertentes principais de discussão: o perfil da clientela adolescente; as questões éticas que envolvem a CE; a eficácia e o risco do método. .

Conclusões do Fórum

É reconhecido ser direito de o adolescente ter acesso ao conhecimento de todos os métodos, inclusive da CE. É dever do profissional de saúde oferecer todas as alternativas de informação de forma clara, fácil, acessível, independente de qualquer circunstância. Partindo dessas premissas, é relevante enfatizar os conceitos de liberdade de escolha, de dupla proteção e incorporação da CE como

parte de políticas públicas de saúde para os jovens. Colocada como estratégia de redução de danos, a CE deve participar efetivamente no projeto de educação sexual como um todo, para ambos os gêneros. Em relação aos riscos de utilização da CE, nenhum foi ainda definitivamente demonstrado. Deve ser esclarecido que alguns riscos temidos não foram demonstrados. Algumas preocupações procedem e servem de alerta para que dúvidas possam ser sanadas, devendo-se destacar os riscos já comprovados.

Discutindo-se estratégias para facilitar o acesso e o uso do contraceptivo de emergência, foi sugerido que deveria ser parte das ações de prevenção das Unidades Básicas de Saúde/Unidades de Saúde da Família (UBS/USF). Nas localidades que não contassem com UBS/USF abertas nos fins de semana, seria estabelecido o acesso a um Pronto Socorro (PS) de referência.

Conclusões

O artigo apresenta as conclusões resultantes das discussões realizadas durante esse evento. Seu principal desdobramento foi a Resolução do Conselho Federal de Medicina: a CE não é abortiva e pode ser usada em qualquer etapa da vida reprodutiva. A CE cumpre papel de destaque dentro da proposta de educação sexual, devendo fazer parte da orientação anticoncepcional como um todo, posto que seja um direito dos adolescentes terem acesso ao conhecimento sobre todos os métodos contraceptivos.

ESTUDO 22

Título

Marcos normativo da anticoncepção de emergência e as dificuldades de sua institucionalização nos serviços públicos de saúde.

Autores: Rozana Aparecida de Souza; Elaine Reis Brandão

Fonte da publicação : Physis vol.19 no.4 Rio de Janeiro 2009

Nacionalidade das autoras : Brasileira

Fonte ()LILACS (x) Scielo () Nescon
Ano da publicação 2009
Objetivo Discutir as dificuldades de implementação da Anticoncepção de Emergência (AE) nas práticas do Sistema Único de Saúde, no período de 2000 a 2008, mediante revisão crítica da literatura sobre o tema e análise de documentos oficiais.
Metodologia Revisão crítica da literatura.
Tipo de coleta de dados Levantamento da literatura nacional e internacional, centrada na América Latina E em alguns estudos da Europa, dos EUA e do Canadá e análise de documentos oficiais do Ministério da Saúde e do Conselho Federal de Medicina.
Resultados Os resultados mostram paradoxos entre as normas asseguradas e as práticas existentes nos serviços de saúde: dificuldade no acesso e utilização da AE via serviços públicos de saúde; a pílula do dia seguinte (PDS) é comumente considerada abortiva por profissionais de saúde, usuárias e seus parceiros; embora pesquisas apontem aumento significativo do uso desse método, há resistência dos serviços a disponibilizá-lo; persiste a ideia recorrente no senso comum de que a AE levaria os usuários, principalmente adolescentes, a abandonar outros métodos contraceptivos de uso regular, inclusive preservativo, fato não confirmado pelos estudos realizados, pois eles indicam que os adolescentes que recorrem à AE são os que usam tal método. O estudo sobre o tema, a partir de uma revisão da literatura, apresenta o estado da arte em relação à AE. 1. O marcos normativos e político-institucionais da anticoncepção de emergência no Brasil estão bem estabelecidos, pois desde 1996 o Brasil apresenta um contexto jurídico e político favorável. É uma tecnologia aprovada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e está inserida nos recursos disponíveis às mulheres que constam na Política Nacional de Saúde da Mulher do MS. Para o MS (BRASIL, 2007), a

prescrição da AE, nas situações de exposição ao risco iminente de gravidez (violência sexual, falha do método contraceptivo em uso ou em sua utilização, não estar usando anticoncepcional), constitui dever do médico e direito do adolescente.

2. Dificuldades no acesso e uso da anticoncepção de emergência Quanto ao uso da contracepção de emergência, os menores índices estão entre os adolescentes. Esse método é o terceiro mais usado entre mulheres de 15 a 19 anos ficando atrás apenas do uso da camisinha masculina e da pílula.

3. Aceitabilidade da anticoncepção de emergência no Brasil Em pesquisa desenvolvida em 3 países da América Latina a necessidade da AE foi percebida pela maioria dos participantes, o que levou à conclusão de que autoridades da área da saúde têm a responsabilidade de implementar programas para sua introdução. O conceito da AE como método para a prevenção de aborto foi considerado uma estratégia para sua introdução nos três países.

4. Setores sociais conservadores têm, publicamente, criticados as propostas da Política Nacional de Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos

5. Compreensão da anticoncepção de emergência como abortiva. Apesar de o contexto jurídico e político brasileiro serem favorável à AE e a sua comercialização, questões culturais e informações distorcidas sobre AE constituem barreiras relativas à aceitação, acesso e uso adequado entre potenciais usuárias e profissionais da área da saúde. A igreja católica tem sido a principal opositora no uso da AE, considerando-a abortiva a despeito de todas as provas contrárias. Esse pensamento também está presente em alguns provedores de serviços de saúde e determinados setores da população.

6. Ainda não há evidências que o uso da AE pode afetar o uso do preservativo.

7. Anticoncepção de emergência na adolescência A pesquisa realizada em 3 países da América Latina evidenciou que os adolescentes enfrentam alguns obstáculos ao acesso à AE, como a quase inexistência de serviços de saúde específicos para eles e a falta de informação sobre o contraceptivo Segundo Figueiredo et al. (2007), a introdução da AE no cenário nacional (em meados da década de 1990) provocou reações entre profissionais de saúde que atendem adolescentes. Esses profissionais demonstraram preocupação quanto à possibilidade do uso indiscriminado (abusivo) da AE pelo público adolescente, entretanto, há evidências de que isto não ocorre.

Conclusões

Enfrentar esse paradoxo se torna nosso desafio. De um lado, há uma política oficial do MS que subscreve a AE, uma legislação específica e normas, as quais formam um arcabouço legal para a distribuição e o uso da PDS no país; de outro lado, há reticências, resistências, barreiras culturais e desinformação, as quais comprometem o acesso e uso da PDS pela maioria da população usuária do Sistema Único de Saúde. O fato de a população se sentir mais à vontade para recorrer às farmácias para comprar a AE sem orientação médica, e assim colocar sua saúde em risco, não é um fato isolado, pois está diretamente ligado a um eventual julgamento moral, que pode ocorrer nos serviços de saúde, se os profissionais não estão preparados para lidar com a situação. Qualquer transformação no plano das representações sociais e das práticas em saúde - que envolvem mudanças de valores e de comportamentos sociais (BOZON, 1995) - exige profunda disposição dos envolvidos para se desarmar, despir-se de preconceitos, reaprender a lidar com o tema da contracepção e da gravidez imprevista, sem estigmatizar os usuários. Todos os envolvidos devem, de fato, assumir o compromisso ético de respeitar os direitos sexuais e reprodutivos dos usuários.

Estudo 23

Título

Práticas contraceptivas entre jovens universitários: o uso da anticoncepção de emergência

Fonte da publicação: *Cad. Saúde Pública* [online]. 2010, vol.26, n.4, pp. 816-826.

Autores: Ana Luiza Vilela Borges; Elizabeth Fujimori; Luiza Akiko Komura Hoga; Marcelo Vieira Contin

Nacionalidade dos autores Brasileira

Fonte (X) LILACS () Scielo () Nescon

Ano da publicação 2010

Objetivo

O estudo investigou as práticas contraceptivas de 487 jovens estudantes de uma universidade pública paulista

Metodologia

Trata-se de estudo quantitativo, do tipo transversal, desenvolvido junto a uma amostra de estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação de uma universidade pública do Estado de São Paulo.

Tipo de coleta de dados

Um questionário estruturado foi enviado por endereço eletrônico em dezembro de 2007. A amostra foi de 468 estudantes. O programa SPSS para Windows, versão 15.0 (SPSS Inc., Chicago, Estados Unidos), foi utilizado para a análise dos dados. Os resultados foram descritos por meio de proporções e médias. Os jovens estudantes solteiros dividiram-se em 229 homens (47%) e 258 mulheres (53%), com perfil sócio demográfico bastante similar. A maioria classificou-se como de cor branca (80,6%). A religião predominante foi a católica (40%), mas uma proporção semelhante de jovens relatou não ter qualquer religião (39%). Mais da metade dos estudantes referiu que seus pais (56,1%) e suas mães (52,2%) tinham ensino superior completo. Os jovens entrevistados moravam com a família (63,2%) e com amigos (23,2%); uma pequena proporção morava sozinha (8,2%) ou na moradia estudantil disponibilizada pela universidade (5,3%). Os estudantes que concluíram o ensino médio em escolas privadas totalizaram 71,1%. A maior parte não exercia trabalho remunerado (68,5%) e nem contava com qualquer tipo de bolsa da universidade (76,9%). Estes dados não estão apresentados em tabelas. Três em cada quatro jovens já haviam iniciado a vida sexual (75,8%), sem diferença estatisticamente significativa entre homens (75,1%) e mulheres (76,3%; $p = 0,748$). Os resultados a seguir estão focalizados nesses 369 (172 homens e 197 mulheres) jovens sexualmente experientes. Observa-se que mais da metade dos estudantes utilizou dois ou mais métodos ao longo do último relacionamento com envolvimento sexual, sendo o preservativo masculino e a pílula anticoncepcional os mais citados. A anticoncepção de emergência foi utilizada por 1,6% dos estudantes na primeira

relação sexual, 2,7% na última relação sexual e 11,7% no último relacionamento, sem diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres. Em relação à anticoncepção de emergência o estudo mostra que, dentre os jovens que já haviam iniciado a vida sexual, 186 (50,4%) relataram o uso da anticoncepção de emergência, sendo 85 homens e 101 mulheres. Verificou-se também que 35,3% dos homens e 15,8% das mulheres não estavam usando qualquer método contraceptivo na última vez em que a anticoncepção de emergência foi adotada.

Discussões

As principais razões alegadas para utilização da anticoncepção de emergência encaixam-se nos critérios de indicação de seu uso, como falhas e esquecimento de usar algum método, em concordância com outros estudos. Esse resultado mostra-se contrário ao que tem sido amplamente discutido na mídia e sociedade civil, cujo debate questiona o quanto o acesso à anticoncepção de emergência poderia ocasionar o abandono ou diminuição do uso contínuo de um método regular, prática que não foi confirmada em estudos internacionais. Outro ponto em questão é que um terço dos entrevistados alegou ter utilizado a anticoncepção de emergência apenas porque sentia insegurança em relação ao método utilizado, sem que tivessem ocorrido falhas ou esquecimentos. Esse aspecto reforça a percepção de que as perspectivas educacionais e profissionais dos jovens de alta escolaridade se contrapõem a uma gravidez.

Conclusões

A análise de regressão logística múltipla mostrou associação do uso da anticoncepção de emergência com a idade, idade de início da vida sexual, ter deixado de usar preservativo masculino em alguma relação sexual, ter vivenciado ruptura acidental do preservativo masculino e conhecer alguém que já a tenha utilizado. A opção pela anticoncepção de emergência mostrou-se mais relacionada a inconsistências no uso de métodos regulares do que ao não uso propriamente dito, podendo ser considerada um marcador de descontinuidades nas práticas contraceptivas.

ESTUDO 24
Título Abortamento provocado e o uso de contraceptivos em adolescentes
Fonte da publicação: Rev. Brás Clín. Med. 2010; 8(2): 94-100.
Autor: José Humberto Belmino Chaves
Nacionalidade do autor: Brasileira
Fonte (x) LILACS () Scielo ()Nescon
Ano da publicação 2010
<p>Objetivo</p> <p>Descrever aspectos do comportamento sexual e reprodutivo das adolescentes grávidas visto sob três determinantes deste processo: a iniciação sexual, o uso de métodos anticoncepcionais e a interrupção voluntária da gravidez.</p> <p>Analisar o tipo de abortamento, quanto à motivação em adolescentes que foram internadas na Casa Maternal Dr. Paulo Neto em Maceió, AL, para realização de curetagem uterina.</p> <p>Metodologia</p> <p>As participantes deste estudo foram as 201 adolescentes grávidas internadas com diagnóstico de abortamento. Em hospital do Sistema Único de Saúde (SUS), em Maceió, AL, entre março de 2008 a abril de 2009. Um questionário com roteiro pré-estabelecido foi utilizado como técnica de coleta de informações com perguntas pré-codificadas sobre características sócias demográficas (idade, estado civil, etnia), aspectos sexuais (início da atividade sexual, anticoncepcionais, gravidez planejada, gravidez desejada), dados reprodutivos (idade gestacional, número de gestações, número de partos, número de abortos) e como critérios para classificação de abortos induzidos adotou-se o da Organização Mundial da Saúde (OMS) Para a análise dos dados, aplicou-se o teste Qui-quadrado específico para cada dimensão de tabela (Qui-quadrado de Pearson para tabelas gerais e Qui-quadrado com correção de Yates ou Exato de Fisher, para tabelas 2 x 2). O <i>software</i> Epi-Info,</p>

versão 6.04d, foi utilizado na preparação e exploração, por meio de frequência e tabelas.

Tipo de coleta de dados

Questionário estruturado

Resultados

1,99% dos abortos ocorreram de forma espontânea e 98,01% foram abortos provocados. Entre as adolescentes que assumiram a indução do aborto, 127 com parceiro estável; as mulatas não usavam preservativos nas relações sexuais; a média de idade de início de atividade sexual é 15 anos e não planejaram a gestação. O perfil com risco para provocarem o aborto, idade acima de 16 anos.

Discussões

A adolescência favorece as vivências da sexualidade. Com o uso incorreto dos métodos anticoncepcionais, resultando em gravidez não planejada e desfecho no abortamento provocado.

Conclusões

Recomenda-se maior investimento público na assistência ao uso de métodos contraceptivos entre os adolescentes respeitando seus direitos sexuais e reprodutivos, contribuindo assim, para a diminuição da incidência do abortamento, haja vista que as adolescentes estão engravidando e buscando o aborto como solução para gravidez não planejada.